



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GIOVANY BORÉM DE OLIVEIRA

**ALÉM DA CRENÇA: A SEDUÇÃO FATAL DE JONESTOWN E A SUSPENSÃO
VOLUNTÁRIA DA DESCRENÇA PELOS SEGUIDORES DO TEMPLO DO
POVO**

GOIÂNIA

2023

GIOVANY BORÉM DE OLIVEIRA

**ALÉM DA CRENÇA: A SEDUÇÃO FATAL DE JONESTOWN E A SUSPENSÃO
VOLUNTÁRIA DA DESCRENÇA PELOS SEGUIDORES DO TEMPLO DO
POVO**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade
Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção da
graduação em Licenciatura em História. Orientador: Prof.
Dr. Eduardo José Reinato

GOIÂNIA

2023

GIOVANY BORÉM DE OLIVEIRA

**ALÉM DA CRENÇA: A SEDUÇÃO FATAL DE JONESTOWN E A SUSPENSÃO
VOLUNTÁRIA DA DESCRENÇA PELOS SEGUIDORES DO TEMPLO DO
POVO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final de conclusão de curso, sob orientação do professor e doutor Eduardo José Reinato.

BANCA EXAMINADORA

Orientador:

Prof. Dr. Eduardo José Reinato

Examinador:

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros

GOIÂNIA

2023

*Eu posso fazer o que eu
quiser, porque me sacrifiquei
para dar a todos uma boa
vida! (Jim Jones)*

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a mim mesmo, pois sem o esforço depositado em mim, não teria finalizado este trabalho no tempo previsto. Não existe tarefa mais árdua do que escrever, é doloroso e sofrido, não porque é ruim, mas sim porque é belo e esforçado, demandando muito do autor. Sinto então a beleza aqui escrita, pois veio de muito esforço. Abaixo disso, quase tudo, mas não está abaixo por ser inferior, mas sim porque serviu de alicerce para que eu continuasse escrevendo e aqui permaneço. A lista é singela e verdadeira: Aos familiares, mãe, irmã, madrasta, sobrinho e sobrinha. Aos amigos, Pedro, Kamyla, Lorena, Renato, Kaio e Karol, sem vocês, eu não teria ido tão longe; nossas conversas renderiam um monólogo de duas mil páginas. À companheira dos meus tormentos, Rauane. Aos professores, Reinato, Simone, Leandro, Maria Cristina, Lucia e Antônio Luiz. O que me escutou chorar por várias noites e esteve do meu lado, Heynner. A Josh, sem você nada disso seria possível, talvez você esteja acima de tudo.

Dizem que o diabo está nas estrelinhas!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a compreensão da manipulação empregada por Jim Jones por meio da análise do culto do Templo do Povo, bem como a exploração do contexto histórico do pensamento da 'Nova Era' após as duas grandes guerras. A investigação também se propõe a examinar o impacto das performances culturais, como uma forma de comunicação artística que transcende as limitações das palavras e das representações simbólicas, ideológicas e políticas. Pretende-se avaliar de que maneira tais performances influenciaram a criação e o trágico desfecho dos seguidores do Templo do Povo.

Nesse contexto, os conceitos literários da verossimilhança e da suspensão voluntária da descrença serão empregados como ferramentas analíticas para elucidar a manipulação executada por Jim Jones. A análise se concentrará na dinâmica em que esses conceitos literários se entrelaçam com a influência psicológica, permitindo uma compreensão mais profunda das estratégias utilizadas para convencer os seguidores a aceitar uma realidade alternativa.

A pesquisa contribuirá para uma exploração aprofundada da interseção entre manipulação psicológica, contextos históricos e elementos de performance cultural, oferecendo uma perspectiva sobre como o culto do Templo do Povo se desenvolveu e culminou em um desfecho trágico. A análise desses componentes ampliará nosso entendimento das complexidades envolvidas em fenômenos culturais e religiosos extremos, além de tentar compreender os mecanismos de manipulação utilizados por líderes carismáticos em tais contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Jim Jones, Nova Era, performances culturais, fenômenos religiosos.

ABSTRACT

This research aims to understand the manipulation employed by Jim Jones through the analysis of the People's Temple cult, as well as the exploration of the historical context of 'New Age' thinking following the two World Wars. The investigation also seeks to examine the impact of cultural performances as a form of artistic communication that transcends the limitations of words and symbolic, ideological, and political representations. It intends to assess how such performances influenced the creation and tragic outcome of the People's Temple followers.

In this context, the literary concepts of verisimilitude and the voluntary suspension of disbelief will be employed as analytical tools to elucidate the manipulation executed by Jim Jones. The analysis will focus on the dynamics in which these literary concepts intertwine with psychological influence, allowing for a deeper understanding of the strategies used to convince the followers to accept an alternative reality.

The research will contribute to an in-depth exploration of the intersection between psychological manipulation, historical contexts, and elements of cultural performance, offering a perspective on how the People's Temple cult developed and culminated in a tragic outcome. The analysis of these components will broaden our understanding of the complexities involved in extreme cultural and religious phenomena, as well as attempt to comprehend the mechanisms of manipulation used by charismatic leaders in such contexts.

KEYWORDS: Jim Jones, New Age, cultural performances, religious phenomena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CAPÍTULO I: JIM JONES VS. O POVO.....	15
1.1 JIM JONES.....	16
1.2 O POVO	26
2. CAPÍTULO II: OS TRÊS ATOS, AS TRÊS NOITES BRANCAS.....	40
2.1 ATO UM, PRIMEIRA NOITE, CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA	42
2.2 ATO DOIS, NOITE DOIS, VEROSSIMILHANÇA	45
2.3 ATO TRÊS, ÚLTIMA NOITE, SUSPENSÃO “VOLUNTÁRIA”.....	48
3. CAPÍTULO III: SUSPENDER PARA (DES)CRER.....	52
3.1 A SUSPENSÃO DA DESCRENÇA, MAS NÃO DA CRENÇA.....	54
3.1.1 A CRENÇA E A DESCRENÇA.....	57
3.1.2 AS VÁRIAS SUSPENSÕES	61
3.1.2.1 SUSPENSÃO DA DESCRENÇA EM SEITAS	63
3.1.2.2 CRENÇA EXTREMA E INTENSA	65
3.1.3 A PERFORMANCE DA (DES)CRENÇA	66
3.2 VEROSSIMIL.....	69
3.2.1 CRIAÇÃO DE NARRATIVAS INTERNAS	73
3.2.2 IDENTIFICAÇÃO COM PERSONAGENS.....	77
3.2.3 CONSTRUÇÃO DE UMA REALIDADE PARALELA	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89

SUMÁRIO DE IMAGENS

Figura 1: Os milagres de Jim Jones	20
Figura 2: Jones e família	24
Figura 3: Jim Jones entrevista	25
Figura 4: Eu acredito em Jim Jones	27
Figura 5: Pastor Jim Jones.....	29
Figura 6: Crianças de Jonestown	35
Figura 7: Corpos empilhados fora do Galpão (Refeitório)	38

INTRODUÇÃO

No âmbito das complexidades históricas que moldam as trajetórias humanas, o caso do Templo do Povo, liderado por Jim Jones, ressurge como uma alegoria de como as sutilezas do poder podem se manifestar através da manipulação psicológica. Enraizado na década de 1970, esse episódio trágico constitui uma espécie de "momento de espelho"¹, refletindo tanto as aspirações sociais quanto as fragilidades humanas que permeavam o panorama da época. No cerne desta investigação historiográfica, delineamos uma análise profunda da manipulação e exploração das vulnerabilidades humanas, empregando as lentes teóricas da suspensão da descrença e verossimilhança.

Os anos iniciais da década de 1960 e, por conseguinte, as décadas de 70, 80 e 90, foram períodos caracterizados por uma série de movimentos culturais, políticos, musicais e ideológicos que emergiram em busca de uma nova perspectiva para um mundo que havia enfrentado duas grandes guerras. Em um esforço para se afastar de concepções mais conservadoras, tais movimentos surgiram com o propósito de inaugurar uma *'nova era'*². Nesse contexto, desenvolveu-se o movimento conhecido como "New Age"³, fundamentado em aspectos religiosos, culturais e sociais.

¹ O "momento espelho" ou "espelhamento de temas ou motivos" é uma técnica literária que envolve a utilização de elementos narrativos, como temas e símbolos, para criar paralelismos ou reflexões na obra. Essa abordagem é evidenciada em várias obras literárias, como "Cem Anos de Solidão" de Gabriel García Márquez, onde os temas e eventos fictícios são espelhados em acontecimentos históricos reais, aprofundando assim a complexidade temática da narrativa.

² O conceito "Nova Era", também conhecido como Movimento da Nova Era, é utilizado para descrever um amplo espectro de crenças e práticas espirituais que emergiram a partir do final do século XIX. Esse movimento representa uma abordagem alternativa em relação à espiritualidade tradicional, muitas vezes mesclando elementos de religiões orientais, filosofias esotéricas, psicologia, ecologia e outras esferas de conhecimento. A definição e compreensão desse conceito são frequentemente atribuídas a Peter L. Berger e Thomas Luckmann em sua obra "The Social Construction of Reality" (A Construção Social da Realidade).

³ A corrente filosófico-religiosa conhecida como New Age, é uma amalgama de esoterismo com diversas crenças orientais e pagãs. O escritor Wouter J. Hanegraaff, analisa essa corrente filosófico-religiosa, esse movimento exerce atração sobre muitos indivíduos através de métodos e princípios que não se alinham com a fé cristã. Encontra suas raízes na contracultura dos anos 1960, bem como em sua influência nas esferas da música, arte, filosofia e estilo de vida.

Apesar de o ocultismo⁴ e as comunidades ocultistas terem sempre permeado a história, esses elementos se aproveitaram dos movimentos de Amor Livre⁵, especialmente notáveis na Inglaterra e nos Estados Unidos durante os anos 70, como plataforma para dar início a empreendimentos voltados para a restauração de um mundo que promovesse "mais amor". Muitos desses empreendimentos eram delineados por princípios religiosos imbuídos de características socialistas. Um exemplo notório é o caso do Templo do Povo de Deus liderado por Jim Jones.

O Templo do Povo de Deus, sob a liderança de Jim Jones, é paradigmático nesse contexto. Através da assimilação de elementos do Amor Livre e da ideologia socialista, Jones e seus seguidores buscavam instaurar um ambiente de maior solidariedade e compaixão. Através de suas práticas e preceitos, eles almejavam contribuir para uma sociedade que transcendesse os paradigmas tradicionais e promovesse valores humanitários e igualitários.

Cumprido destacar que esses movimentos emergentes durante a década de 1960 e suas derivações subsequentes não apenas espelharam a recusa de paradigmas conservadores e as ressonâncias das contendas bélicas⁶, mas também exerceram um papel

⁴ O ocultismo consiste na crença na atuação ou influência de poderes sobrenaturais. A exploração desses fenômenos engloba o estudo das artes ou ciências ocultas, tais como magia, espiritismo, astrologia, entre outros. Aleister Crowley, em sua obra "O Livro da Lei," desempenha um papel significativo na disseminação e prática do ocultismo moderno, explorando temas que vão desde a magia cerimonial até a filosofia espiritual e a busca pelo autoconhecimento.

⁵ "Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud," de Herbert Marcuse, é uma obra que explora a filosofia do amor livre, que rejeita as convenções tradicionais do casamento e promove a ideia de relacionamentos baseados na liberdade individual e na escolha mútua, em oposição à posse ou controle. Marcuse, um filósofo associado à Escola de Frankfurt, discute as implicações sociais e políticas dessa filosofia, enfatizando a importância da emancipação sexual e da igualdade de gênero. A promoção do movimento "amor livre" durante os anos 1960 e 1970, influenciando o pensamento e a ação de ativistas e pensadores da época.

⁶ Carl von Clausewitz, autor de "Da Guerra," é uma figura proeminente na teoria militar e escreveu sobre os princípios fundamentais da guerra, incluindo sua natureza, estratégia e táticas. O conceito "contendas bélicas" refere-se a conflitos armados ou disputas militares que envolvem o uso da força militar como meio para resolver diferenças ou desacordos entre nações, grupos ou facções. Essas contendas podem variar em escala e intensidade, abrangendo desde confrontos regionais até guerras em larga escala. A obra de Clausewitz é frequentemente estudada e citada no contexto da teoria militar e estratégica, contribuindo para a compreensão das dinâmicas das contendas bélicas.

de relevo na reconfiguração da mentalidade global, catalisando transformações profundas nos domínios cultural, político e religioso.

Para compreender adequadamente a relação entre ocultismo e modernismo, é preciso estabelecer uma compreensão precisa do que caracteriza um culto religioso. A noção de culto como um grupo envolvido em práticas místicas e sua abrangência. O conceito de "culto" deriva do latim⁷ e descreve um conjunto de seguidores e fiéis que se congregam para prestar adoração a uma ou mais divindades, executar rituais e cerimônias. Esses grupos podem variar em tamanho, de pequenos a numerosos, e podem adotar características de reclusão ou publicidade. Além disso, esses grupos frequentemente estabelecem suas próprias normas internas, demarcando uma diferenciação crucial das egrégoras religiosas⁸, Ellwood destaca sobre os cultos:

Considera que um culto se trata de: Um grupo que apresenta uma alternativa distinta aos padrões que dominam a sociedade, cuja liderança é autoritária, carismática e persuasiva. É orientado para a sugestão e indução de experiências subjetivas nos seus membros e para a satisfação das necessidades individuais do líder [...]. Nos cultos existe um esforço enorme para delimitar o dentro e o fora, o nós e eles (Ellwood, 1986, p. 218-222).

É importante destacar que os cultos podem estar vinculados ou entrelaçados com sistemas religiosos mais amplamente reconhecidos, embora seus aspectos também possam estar conectados com seitas. Neste contexto, uma seita pode ser definida⁹ como um conjunto de indivíduos que seguem um líder vivo que propõe práticas rituais e que pode abarcar múltiplos domínios da sociedade. Tanto os cultos quanto as seitas que emergem do viés esotérico compartilham algumas semelhanças, incluindo ideias

⁷ TORINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos reunidos, 1937. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.

⁸ O conceito "egrégoras religiosas" refere-se a uma ideia dentro do contexto das religiões e espiritualidade, Guenon, R. aponta em sua obra, *Initiation Et Realisation Spirituelle* (2017), que a palavra "egrégora" é usada para descrever a energia coletiva ou o campo espiritual que se forma quando um grupo de indivíduos compartilha crenças, intenções e práticas espirituais comuns. Essa energia coletiva é considerada como tendo influência sobre a experiência espiritual e o poder do grupo. O conceito é frequentemente usado em tradições esotéricas e ocultas, bem como em algumas religiões e sistemas de crenças alternativos.

⁹ Bryan R. Wilson, autor de "Religious Sects: A Sociological Study," oferece uma análise sociológica profunda sobre seitas religiosas.

específicas, segmentação interna e uma inclinação individualista que os distingue das doutrinas religiosas convencionais. Eles frequentemente se organizam em torno de um líder carismático ou grupos de líderes, desafiando a estrutura hierárquica mais rígida das religiões tradicionais.

A interação entre cultos, seitas e o contexto do ocultismo é particularmente relevante para examinar as dinâmicas religiosas no âmbito contemporâneo. A medida em que esses grupos emergem e evoluem em resposta às transformações sociais e culturais característicos da era contemporânea, revela um intrincado intercâmbio entre as necessidades espirituais individuais e as demandas da contemporaneidade. Ao analisar esse fenômeno, a perspectiva histórico-acadêmica aponta as complexas interconexões entre os aspectos religiosos e sociopolíticos da sociedade.

A análise da manipulação em contextos de cultos e seitas requer uma abordagem multidisciplinar, considerando os aspectos sociopolíticos, psicológicos e comunicacionais que podem contribuir para a vulnerabilidade das pessoas a tais práticas. A dinâmica da manipulação frequentemente explora o ambiente social e psicológico dos indivíduos, identificando pontos de fragilidade e necessidades emocionais, o que pode criar uma abertura para a influência do grupo.

Antes de ingressarem em cultos ou seitas, muitos indivíduos podem enfrentar circunstâncias de isolamento, alienação, descontentamento ou busca por significado em suas vidas. Nesse contexto, essas comunidades oferecem uma sensação de pertencimento, uma estrutura de crenças coerente e a promessa de satisfação das necessidades espirituais e emocionais. Essa dinâmica pode resultar em um comprometimento profundo e uma disposição para aceitar os ensinamentos do grupo, mesmo que contradigam a lógica ou valores prévios.

Além disso, a manipulação em cultos e seitas muitas vezes envolve a criação de uma realidade alternativa, na qual informações externas são desacreditadas ou distorcidas. Essa prática dificulta a capacidade dos seguidores de avaliar criticamente os ensinamentos do grupo, uma vez que se tornam dependentes da interpretação fornecida internamente.

Jim Jones explorou habilmente a fragilidade emocional dos seguidores do Templo do Povo, conforme apontado por Jeff Guinn em seu livro "The Road to Jonestown: Jim Jones and Peoples Temple", sendo esse fenômeno um dos focos centrais desta pesquisa.

Para compreender a natureza dessa fragilidade, utilizaremos dois conceitos literários: a "suspensão voluntária da descrença", introduzida inicialmente por Samuel

Taylor Coleridge em um poema da obra *Poemas e excertos da "biografia literária"*, e o conceito de "verossimilhança", abordado por Santiago Silviano em "Retórica da verossimilhança". Embora as ciências da comunicação e linguagem possuam seus próprios paradigmas conceituais, não é possível subestimar a intrínseca conexão entre a literatura e as ciências humanas.

A coleta de dados e informações para esta pesquisa envolverá uma seleção criteriosa de materiais. Dentre as fontes de pesquisa selecionadas, inclui-se as obras de Samuel Taylor Coleridge, como antes citado; "Poética" de Aristóteles; a obra de Jeff Guinn "Jim Jones: Massacre em Jonestown"; sendo a base principal "Trópicos do Discurso" e "A questão da narrativa na teoria contemporânea" de Hayden White.

Por meio da análise de tais conceitos literários e obras-chave, objetiva-se tentar compreender as estratégias empregadas por Jim Jones para influenciar e controlar seus seguidores. A exploração dos elementos da suspensão voluntária da descrença e da construção de verossimilhança permitirá uma compreensão mais profunda das táticas utilizadas para instilar crenças e comportamentos nos membros do Templo do Povo. Ao incorporar essas perspectivas literárias nas ciências humanas, esta pesquisa busca a interseção entre manipulação psicológica¹⁰ e elementos literários no contexto das práticas de cultos e seitas.

A suspensão da descrença, primordialmente um conceito literário, oferece-nos um prisma analítico para compreender como Jones foi capaz de suprimir momentaneamente a desconfiança inerente à natureza humana. Nesse contexto, os membros do Templo do Povo, imersos nas narrativas conduzidas por Jones, encontraram uma "fissura temporal" que lhes permitiu adotar premissas questionáveis como parte de sua cosmovisão. Essa suspensão do ceticismo racional¹¹ desempenhou um papel instrumental na consolidação do controle de Jones sobre sua congregação.

¹⁰ Conforme observado por Stephanie Sarkis em seu livro "O Fenômeno Gaslighting: Saiba como funciona a estratégia de pessoas manipuladoras para distorcer a verdade e manter você sob controle," a manipulação psicológica, em suas diversas formas, envolve táticas destinadas a minar a percepção da realidade de uma pessoa, minar sua autoconfiança e induzi-la a duvidar de sua própria sanidade. Essa forma de manipulação pode ser sutil, mas seus efeitos podem ser profundos, deixando as vítimas emocionalmente vulneráveis e confusas. A manipulação psicológica, muitas vezes, é usada como uma estratégia de controle por pessoas manipuladoras.

¹¹ O "ceticismo racional" é uma abordagem epistemológica que enfatiza a importância de questionar e avaliar cuidadosamente as alegações e crenças por meio de evidências e raciocínio lógico. Essa perspectiva

Por outro lado, a verossimilhança, quando contextualizada no cenário histórico, assume uma função dialética. Enquanto os anos 1970 testemunhavam uma eclosão de movimentos contraculturais¹² e uma busca generalizada por alternativas às instituições tradicionais, o ambiente proporcionava um solo fértil para a disseminação de ideologias heterodoxas. A habilidade de Jones de apresentar um panorama aparentemente verossímil, moldado por seu magnetismo persuasivo, explorou as fissuras geracionais e as dúvidas institucionais, levando a uma submissão quase inquestionável por parte de seus seguidores.

Através da utilização dessas fontes e abordagens interdisciplinares, esta pesquisa se propõe a fornecer uma compreensão aprofundada dos mecanismos subjacentes à suspensão voluntária da descrença, principalmente em contextos extremos, nos quais os impactos psicológicos podem ter ramificações tanto no âmbito individual quanto social. Isso permitirá uma análise mais abrangente dos fatores que moldam a aderência a sistemas de crenças alternativos e suas implicações na compreensão das intrincadas complexidades da mente humana e da dinâmica sociocultural.

Ao longo desse trabalho foi se organizado em três capítulos. O primeiro capítulo foca em apresentar Jim Jones como figura central do estudo, contextualizando a formação e evolução do Templo do Povo. A fundação do culto e a subsequente mudança dos seguidores para a Guiana, são abordadas para estabelecer um entendimento amplo do cenário no qual as práticas e manipulações ocorreram.

encoraja a busca pela verdade e pelo conhecimento, enquanto reconhece a necessidade de um exame crítico das informações disponíveis. O ceticismo racional não implica uma rejeição automática de todas as afirmações, mas sim uma postura intelectual que exige justificação adequada para aceitar uma proposição como verdadeira. Este conceito é frequentemente associado a figuras históricas como o filósofo René Descartes em sua obra "Meditações Sobre Filosofia Primeira", e é fundamental em campos como a filosofia da ciência e o pensamento crítico contemporâneo.

¹² Theodore Roszak, *autor de "The Making of a Counter Culture" (A Formação de uma Contracultura)*, é conhecido por sua análise detalhada dos movimentos contraculturais dos anos 1960 e seu impacto na sociedade. Os movimentos contraculturais são manifestações culturais e sociais que emergem em resposta às normas e valores predominantes de uma sociedade. Esses movimentos muitas vezes desafiam as convenções estabelecidas, promovendo ideias, estilos de vida e expressões artísticas alternativos. Exemplos notáveis incluem o movimento hippie da década de 1960, que advogava pela paz, amor livre e contra a guerra, e o movimento punk, que surgiu na década de 1970 como uma resposta ao establishment e à conformidade social.

O segundo capítulo explora a manipulação psicológica aplicado por Jones e suas três tentativas de um suicídio coletivo, utilizando os conceitos de suspensão voluntária da descrença e verossimilhança. Esse capítulo destaca como esses mecanismos foram empregados no contexto do Templo do Povo, ampliando a compreensão das estratégias utilizadas por Jim Jones para exercer influência sobre seus seguidores.

O terceiro capítulo desta pesquisa estabelece os fundamentos teóricos essenciais para a compreensão dos conceitos de suspensão voluntária da descrença e verossimilhança, aplicando-os ao contexto histórico. Esses conceitos, originados na literatura, ganham nova relevância ao serem utilizados como pontos interpretativos para compreender eventos históricos. Esse capítulo demonstra como essas abordagens literárias podem fomentar a análise das dinâmicas psicológicas e socioculturais subjacentes a movimentos como o Templo do Povo.

1. CAPÍTULO I: JIM JONES VS. O POVO

Neste capítulo, vamos explorar a vida de Jim Jones e a sua jornada na criação do Templo do Povo. O objetivo deste capítulo é aprofundar nas origens e a evolução desse líder, cujo impacto e ascensão tiveram um papel importante nos seguimentos sectários posteriores.

Ao analisarmos as origens de Jim Jones, devemos compreender a sua infância e juventude, que nos permitirá entender como suas experiências pessoais e as circunstâncias em que cresceu moldaram a sua visão de mundo e desempenharam um papel no desenvolvimento do Templo do Povo, utilizaremos a obra de Jeff Guinn para abordarmos os principais pontos da vida e criação do culto de Jim Jones, e como complemento auxiliar o livro *“Raven: The Untold Story of the Rev. Jim Jones and His People”*, de Tim Reiterman e John Jacobs.

A infância de Jim Jones ocorreu em um período da história dos Estados Unidos, onde questões sociais, políticas e raciais tiveram um papel de destaque na sociedade. Jones cresceu em uma América marcada pela segregação racial¹³, desigualdade e tensões políticas, especialmente durante o auge do movimento dos direitos civis. Jones foi exposto cedo a uma educação cristã fervorosa, frequentando igrejas e desenvolvendo uma compreensão dos ensinamentos religiosos, incluindo a mensagem de igualdade e justiça que é “central na fé cristã”. Guinn aponta que essa base religiosa forneceu a Jim um conjunto de valores e princípios que, posteriormente, ele incorporou em sua própria interpretação religiosa.

Jones direcionou sua fé para questões sociais e políticas. Ele se envolveu ativamente em movimentos de integração racial, apoiando os esforços para derrubar as segregações que permeavam a sociedade norte-americana. Essa atitude não apenas o aproximou das comunidades afro-americanas marginalizadas, mas também o destacou

¹³ A segregação racial nos Estados Unidos, historicamente conhecida como o sistema de "Jim Crow," deve seu nome a uma canção popular do século XIX que retratava um personagem afro-americano estereotipado. Esse sistema legalmente sancionado de discriminação racial foi amplamente implementado nos estados do sul, perpetuando a desigualdade e a opressão racial por muitas décadas. A luta pelos direitos civis na década de 50 e 60, liderada por figuras como Martin Luther King Jr., foi fundamental para a superação dessa política discriminatória. No entanto, as marcas da segregação racial ainda afetam as dinâmicas sociais, econômicas e políticas nos Estados Unidos (Alexander, 2010).

como um defensor da justiça social, e esse papel de defensor progressista contribuiu para a sua ascensão como líder religioso.

Embora Jones tenha inicialmente abraçado causas progressistas, seu envolvimento com movimentos de integração racial também serviu como uma ferramenta para consolidar sua influência sobre seus seguidores. Ele habilmente combinou sua retórica religiosa com sua luta por justiça social, criando uma narrativa que o apresentava como um líder visionário que poderia proporcionar a redenção espiritual e a realização de um mundo mais igualitário, criando assim um ambiente propício para uma verossimilhança única.

Ao examinarmos os seguidores do Templo do Povo, revelamos uma população frequentemente marginalizada, composta por pessoas que se sentiam abandonadas das estruturas tradicionais da sociedade. Para esses indivíduos, Jim Jones representava uma figura messiânica que oferecia promessas de redenção e um senso de pertencimento que lhes fora negado por essa suposta sociedade tradicional.

Exploraremos essas dinâmicas sociais e culturais que desenvolveram o engajamento desses seguidores, ao longo de dois tópicos, pretendemos oferecer uma análise das motivações por trás da ascensão e queda do Templo do Povo, bem como das implicações que esse episódio tem para a nossa compreensão sobre verossimilhança e suspensão da descrença, foco central deste trabalho.

1.1 JIM JONES

Como citado anteriormente, iniciaremos esse tópico falando sobre James Warren Jones, nascido em 13 de maio de 1931 na comunidade rural de Crete, Indiana, teve sua vida profundamente influenciada por sua mãe, Lynetta Putnam Jones, e as circunstâncias adversas que a família enfrentou. Lynetta, nascida em 1902, era membro da Igreja de Deus, uma denominação protestante pentecostal. Sua devoção a essa fé, centrada na cura divina, profecias e glossolalia¹⁴, desempenhou um papel nas primeiras experiências religiosas de Jim Jones.

¹⁴ A glossolalia, também conhecida como falar em línguas, é um fenômeno linguístico em que uma pessoa produz discurso ininteligível, frequentemente associado a práticas religiosas e espirituais. De acordo com "A Dictionary of Psychology" de Andrew M. Colman, a glossolalia pode ser definida como "a produção de

Uma dessas influências espirituais foi a profecia atribuída a Lynetta Jones em relação a seu filho Jim. Supõe-se que ela tenha tido uma “profecia”, que não apenas moldou a percepção de Jim Jones, mas também o impulsionou a buscar uma posição de liderança religiosa e social, podemos apontar esse momento com a primeira associação de Jones a uma suspensão da realidade (Coleridge, 1832), conceito que abordaremos mais adiante. A suposta profecia de Lynetta dizia que Jim estava destinado a ser um instrumento divino para efetuar mudanças significativas na sociedade, logo, Jones não era como os demais, a sua realidade já se mantinha suspensa das demais, Guinn diz:

Lynetta had absolutely no natural maternal instincts. She'd never wanted or intended to become a mother. Later, she would weave a tale of becoming ill and falling into a fevered vision of approaching “the Egyptian river of death.” As Lynetta was about to cross, perishing in the process, the spirit of her mother appeared and told her that she could not die, because it was her destiny to give birth to a child who would become a great man¹⁵. (Guinn, 2018, p. 14)

No entanto, as dificuldades financeiras enfrentadas pela família Jones, em parte devido à grave doença do pai de Jim, James Thurman Jones, um veterano da Primeira Guerra Mundial, contribuíram para o cenário conturbado em que Jim cresceu. A saúde debilitada do pai e os problemas conjugais levaram a condições precárias durante a Grande Depressão¹⁶. Eles moravam em uma cabana sem eletricidade ou encanamento na cidade de Lynn, onde tentavam ganhar a vida como agricultores.

palavras ou sons que não têm um significado compreensível dentro de um contexto linguístico convencional". A compreensão e interpretação da glossolalia variam amplamente, com algumas pessoas acreditando que é uma manifestação divina, enquanto outras a veem como uma expressão do subconsciente humano.

¹⁵ Tradução nossa: “Lynetta não tinha absolutamente nenhum instinto maternal natural. Ela nunca quis ou planejou se tornar mãe. Mais tarde, ela contaria uma história de ficar doente e cair em uma visão febril da abordagem “do rio egípcio da morte”. Enquanto Lynetta estava prestes a atravessar, perecendo no processo, o espírito de sua mãe apareceu e disse a ela que não poderia morrer, porque era seu destino dar à luz a uma criança que se tornaria um grande homem.

¹⁶ A Grande Depressão americana foi um período de grave crise econômica que afetou os Estados Unidos na década de 1930, de acordo com Murray N. Rothbard em “A Grande Depressão Americana,” este evento é caracterizado por uma série de fatores, incluindo o colapso do mercado de ações em 1929, o encolhimento da produção industrial e o desemprego em massa. Rothbard argumenta que as políticas governamentais

Guinn (2018, p. 14) destaca que Lynetta enfrentava críticas por sua falta de maternidade, o que levou a relatos de negligência em relação ao filho. Com a pressão dos parentes para encontrar emprego, Lynetta foi forçada a trabalhar fora de casa, enquanto o pai de Jim estava frequentemente hospitalizado devido a sua doença. Essas circunstâncias resultavam em Jim frequentemente perambulando pelas ruas de Lynn, onde moradores locais o acolhiam, dando-lhe comida, roupas e outros cuidados.

Torna-se evidente que as influências familiares, com ênfase na profecia de Lynetta Jones, desempenharam um papel significativo na formação da identidade e motivação de Jim Jones. As experiências adversas que enfrentou na infância também moldaram sua visão de mundo e contribuído para sua busca por mudanças sociais significativas, além de uma criação do seu próprio cosmo visão, através das suas bases de verossimilhança e suspensão voluntária da descrença.

A infância de Jim Jones também foi caracterizada por uma série de influências, sendo uma das principais dessa fase inicial de sua vida, Myrtle Kennedy, esposa de um pastor da Igreja do Nazareno. Kennedy não apenas cuidou de Jones na infância, mas também o introduziu aos princípios e ensinamentos da Igreja do Nazareno (Guinn, 2018, p. 25), uma denominação evangélica que enfatiza a santidade pessoal e o compromisso religioso. Essa introdução precoce à fé e a orientação de Kennedy tiveram um impacto nas crenças religiosas e na compreensão da espiritualidade por parte de Jim Jones, Guinn em sua obra aponta que:

[...] The Kennedys lived directly across Grant Street from Old Jim and Lynetta. Every day, Myrtle saw poor Jimmy out wandering. It was natural for her to invite him in and stuff him with pie when he was hungry, which was all the time. Supposedly his mother gave him a sandwich to tide him over during the day, but every time Myrtle asked if he'd had something to eat, Jimmy said no, and this precious little boy would never lie. Once the pie was consumed, Myrtle took the opportunity to share with Jimmy the Good Word of Jesus, how He wanted everybody to be a Nazarene. Unenlightened people thought Nazarene rules were too restrictive, but all they in fact did was hold everyone to standards set down in the Bible. Myrtle read to Jimmy from the Good Book.

desempenharam um papel significativo na ampliação e prolongamento da crise, em particular, a intervenção estatal na economia.

He hung on every word and remembered what he heard. Soon he was quoting scripture back to her. It was thrilling¹⁷. (Guinn, 2018, p. 26)

Desde a infância, Jim Jones já demonstrava um interesse de se tornar um pregador. Ele praticava atos de pregação, ensaiava cerimônias religiosas e até conduzia "funerais" para animais encontrados mortos, brincava de ser o líder e comandava e manipulava os colegas, Tim Reiterman diz em seu livro que:

At school, he was a playground recluse and a sometimes mischievous high achiever and bookworm. At the garage, and on the streets, he was a holy terror. And in his small circle of neighborhood friends, he was a roguish little natural leader. It was outside the institutional framework, in a vacuum of authority where Jim could make his own rules, that he first felt confidence and some power. Outside school, he could control the same playmates who intimidated him a school. He structured the environment to suit himself, using a certain knack that, when full-blown in adulthood, could rightly be called genius. He learned at a very early age how to attract playmates, keep them entertained and maintain a hold on them. To accomplish it, he shifted modes, from playmate and companion to dominator, pushing his authority then backing off¹⁸. (Reiterman; Jacobs, 2008).

¹⁷ Os Kennedys moravam diretamente do outro lado da Rua Grant de Old Jim e Lynetta. Todos os dias, Myrtle via o pobre Jimmy vagando. Era natural para ela convidá-lo e encher de torta quando ele estava com fome, o que era o tempo todo. Supostamente, sua mãe lhe dava um sanduíche para segurá-lo durante o dia, mas toda vez que Myrtle perguntava se ele tinha comido algo, Jimmy dizia que não, e esse precioso garotinho nunca mentiria. Uma vez que a torta era consumida, Myrtle aproveitava a oportunidade para compartilhar com Jimmy a Boa Palavra de Jesus, como Ele queria que todos fossem Nazarenos. Pessoas desinformadas achavam que as regras dos Nazarenos eram muito restritivas, mas na verdade tudo o que faziam era manter todos de acordo com os padrões estabelecidos na Bíblia. Myrtle lia a Jimmy trechos da Bíblia. Ele prestava atenção em cada palavra e lembrava do que ouvia. Logo ele estava citando passagens bíblicas de volta para ela. Era emocionante.

¹⁸ Em tradução nossa: “Na escola, ele era um recluso no playground e ocasionalmente um aluno aplicado e ávido leitor travesso. Na garagem e nas ruas, ele era um verdadeiro terror. E em seu pequeno círculo de amigos do bairro, ele era um pequeno líder natural e malandro. Foi fora do sistema institucional, em um vácuo de autoridade, que Jim primeiro sentiu confiança e algum poder. Fora da escola, ele conseguia controlar os mesmos colegas que o intimidavam na escola. Ele estruturava o ambiente de acordo com seu gosto, usando um certo talento que, quando plenamente desenvolvido na idade adulta, poderia ser chamado com razão de genial. Ele aprendeu desde muito cedo como atrair os colegas de brincadeira, mantê-los

Essas práticas atestam seu comprometimento precoce com a liderança espiritual e a arte da pregação, como fora apontado por Reiterman (2008). Essas atividades sugerem que sua fé fervorosa estava entrelaçada a um interesse incomum pela morte e a práticas religiosas não ortodoxas.

Jones desenvolveu uma crença inabalável em suas próprias habilidades, chegando ao ponto de alegar ter recebido poderes de Deus. Em um episódio de sua infância, ele tentou demonstrar essas habilidades saltando de um telhado, resultando na quebra de seu braço. Esse incidente ilustra sua determinação e convicções religiosas, independentemente dos desafios e riscos envolvidos, pois mesmo não tendo êxito, ainda dizia ter poderes divinos, era verossímil em sua própria crença os seus “possíveis poderes”. A combinação de influências familiares, a introdução à fé pela tia Myrtle Kennedy e seu desejo precoce de liderança espiritual contribuíram para a complexa personalidade e motivações de Jim Jones (Guinn, 2018, p. 29).

Figura 1: Os milagres de Jim Jones



Fonte: From the Peoples Temple Collection, Courtesy of the California Historical Society

entretidos e manter controle sobre eles. Para realizar isso, ele alternava entre ser colega e companheiro e dominador, exercendo sua autoridade e depois recuando.”

Durante sua adolescência, Jim conheceu os membros da Sociedade da Juventude Cristã, que abordava princípios comunistas e marxistas, promovendo o conceito bíblico, mas também comunista "*de cada qual com sua capacidade a cada qual as suas necessidades*" (Marx, 1875). Esse conceito, embora alinhado com os ideais comunistas, foi considerado controverso na época da Guerra Fria, quando os Estados Unidos estavam profundamente envolvidos em uma luta ideológica contra o comunismo e o socialismo, esse conceito era apresentado no livro de Atos dos Apóstolos em que dizia:

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade. (Atos 4:32–35)

A influência desses encontros com membros da Sociedade da Juventude Cristã não apenas expandiu os horizontes políticos e sociais de Jim Jones, mas também o incentivou a questionar as desigualdades e injustiças presentes na sociedade, principalmente a segregação presente na americana. Essas experiências ajudaram a nutrir seu crescente interesse por questões de justiça social e igualdade, que seriam uma parte integral de sua filosofia religiosa e ativismo posterior.

Após o divórcio dos seus pais, Jones mudou-se com sua mãe para Richmond, Indiana. No entanto, eles perderam o apoio financeiro da família após o divórcio, o que levou Jones a trabalhar como auxiliar no *Reid Hospital*, quando ele conheceu Marceline Mae Baldwin (Guinn, 2018, p. 46), uma estudante de enfermagem, com quem iniciou um relacionamento e em 1949, se casaram, mas logo enfrentaram desafios devido às diferenças religiosas, uma vez que Marceline era metodista¹⁹ como fora apontado por Guinn:

¹⁹ A religião metodista, derivada do movimento metodista fundado por John Wesley no século XVIII, enfatiza uma abordagem prática e devocional do Cristianismo. Os metodistas procuram viver uma vida piedosa, promovendo a santificação pessoal e a justiça social. Essa tradição religiosa tem raízes na Inglaterra e se espalhou amplamente, incluindo os Estados Unidos, onde se tornou uma das denominações

“She said she’d met a boy and was in love with him,” Avelyn says, frowning at the memory. “She’d never said anything about him before, never a hint of it. When she told me it was Jim [Jones], I couldn’t believe it, especially since she was so much older than he was. But from that moment, it was like he was all she thought about.”²⁰ (Guinn, 2018, p. 49)

Após frequentar a Universidade de Indiana por dois anos, o casal mudou-se para Indianápolis, onde Jones começou a participar de encontros comunistas e enfrentou perseguição por suas afiliações. Essa experiência o levou a pensar em infiltrar a igreja como uma forma de promover o marxismo. Mas a carreira religiosa de Jim Jones começou quando ele se tornou um aprendiz de pastor na Igreja Metodista, inspirado por sua esposa Marceline e seu compromisso com questões raciais e sociais. No entanto, fora demitido da Igreja Metodista em 1952, alegando discriminação devido a seu apoio à integração racial (Guinn, 2018, p. 70), o levando a fundar sua própria igreja, a Igreja de União Comunitária, com ênfase na inclusão racial e no apoio às pessoas necessitadas.

Jones era conhecido por suas habilidades de oratória e alegações de curas milagrosas, o que ajudou a atrair seguidores para a Igreja de União Comunitária (Guinn, 2018, p. 65;66). Com o tempo, ele adquiriu um edifício, que fora uma antiga sinagoga, em Indianápolis e estabeleceu o Templo Popular como a base de suas atividades religiosas e sociais.

Jim Jones e sua esposa, Marceline, após estabelecerem uma vida financeira estável, adotaram crianças de diversas étnicas, uma prática que eles denominavam de "família arco-íris". Guinn (2018, p. 94) aponta que essa abordagem diversificada e inclusiva era uma maneira de refletir os valores progressistas do casal e seu compromisso com a igualdade racial e a diversidade, Guinn diz que:

cristãs mais influentes. A abordagem metodista é caracterizada por ênfase na graça divina, trabalho missionário e ênfase na comunidade e na formação de pequenos grupos para o crescimento espiritual. (Colli 2010)

²⁰ Tradução nossa: "Ela disse que conheceu um rapaz e estava apaixonada por ele," diz Avelyn, franzindo a testa ao lembrar. "Ela nunca havia mencionado nada sobre ele antes, nem mesmo uma pista. Quando ela me disse que era o Jim [Jones], eu não pude acreditar, especialmente porque ela era muito mais velha do que ele. Mas a partir desse momento, parecia que ele era tudo em que ela pensava."

It was Marceline who first proposed a “rainbow family.” Why not adopt multiple children of different races? She and Jim would love the children, of course, and try to be the best possible parents, but there would be the added benefit of the Jones family being a constant, unmistakable example of racial harmony. Her husband was enthusiastic. A black baby was the obvious choice, but never in Indiana history had a white couple adopted an African American infant. The Joneses would investigate that, but decided to begin with an Asian child. Since there were none available in their home state, the Joneses traveled to California, where they met and adopted two Korean orphans, a four-year-old girl they named Stephanie and a two-year-old boy renamed Lew. The children fit perfectly into their new home. Their adoptive parents adored them, and so did the congregation of Peoples Temple. Their new grandmother was less welcoming. Lynetta still didn’t care for kids²¹. (Guinn, 2018, p. 94)

A primeira adição à família Jones foi Agnes, uma menina de ascendência indígena, e em 1959, Jim e Marceline adotaram duas crianças coreano-americanas, Lew e Stephanie. No entanto Stephanie acabou falecendo em um acidente de carro aos quatro anos de idade, em seu velório ocorreu um episódio de discriminação racial, quando o cemitério de Indianapolis se recusou a enterrá-la em uma seção não segregada, devido à sua origem coreana, levando à sua sepultura no setor negro do cemitério.

Após a morte de Stephanie, Marceline teve um “sonho revelador”, que posteriormente a levou a descobrir que Stephanie tinha uma irmã chamada Suzanne, o que motivou Jim e Marceline a adotar a garota, o casal demonstrava ter criado um ambiente em “revelações” e “profecias” faziam parte do seu cotidiano, um reflexo da primeira infância de Jones e da vida criação religiosa de Marceline. Em 1971 Marceline

²¹ Tradução nossa: “Foi Marceline quem primeiro propôs uma “família arco-íris”. Por que não adotar várias crianças de diferentes raças? Ela e Jim amariam as crianças, é claro, e tentariam ser os melhores pais possíveis, mas haveria o benefício adicional de a família Jones ser um exemplo constante e inconfundível de harmonia racial. Seu marido estava entusiasmado. Um bebê negro era a escolha óbvia, mas nunca na história de Indiana um casal branco havia adotado um bebê afro-americano. Os Joneses investigariam isso, mas decidiram começar com uma criança asiática. Como não havia nenhuma disponível em seu estado de origem, os Joneses viajaram para a Califórnia, onde conheceram e adotaram dois órfãos coreanos, uma menina de quatro anos a quem deram o nome de Stephanie e um menino de dois anos renomeado como Lew. As crianças se encaixaram perfeitamente em sua nova casa. Seus pais adotivos as adoravam, assim como a congregação do Templo do Povo. Sua nova avó era menos acolhedora. Lynetta ainda não gostava de crianças.”

deu à luz seu próprio filho, Setefan, e posteriormente eles adotaram uma criança negra chamada James, continuando a demonstrar um compromisso com a construção de uma família verdadeiramente multicultural, uma "família arco-íris."

Figura 2: Jones e família



Fonte: From the Peoples Temple Collection, Courtesy of the California Historical Society

Voltando aos anos de 1950, Jim Jones estabeleceu conexões significativas no cenário religioso. Jones começou a se associar com as Assembleias Independentes de Deus, um grupo internacional de igrejas que abraçava o movimento Latter Rain, caracterizado por suas práticas de cura divina e uma abordagem menos restritiva para ordenar ministros (Guinn, 2018, p. 82). Sua parceria com William Branham, um evangelista de cura e líder pentecostal, foi um marco importante em sua carreira religiosa. Jones, inspirado pelos métodos de Branham, começou a realizar atos semelhantes em suas reuniões, atraindo uma grande audiência em sua primeira campanha. Branham emitiu um endosso profético a Jones e seu ministério, dizendo que Jones possuía dons sobrenaturais. Isso, juntamente com sua habilidade de recrutar participantes afro-americanos, impulsionou o crescimento do que viria a ser o Templo do Povo, Guinn aborda que:

[...] Jones co-headlined an Indianapolis religious gathering with Rev. William Branham, one of the most famous evangelists in the country. Jones wasn't nearly as well known, but he drew a significant portion of the audience, mostly blacks. One who came away impressed after hearing Jones was Archie Ijames, a self-educated, independent-minded man in his midforties. Ijames had despaired of any church being able to effectively challenge racism. But he found Jones's all-inclusive message inspiring, and afterward visited Peoples Temple with his wife and children. The whole family enjoyed the experience and became members. Ijames was a natural leader, smart, energetic, and dedicated. Jones recognized his potential²². (Guinn, 2018, p. 82)

Figura 3: Jim Jones entrevista



Fonte: Stephanie Maze/San Francisco Chronicle via Getty Images

²² Jones foi coanfitrião de um encontro religioso em Indianápolis com o Reverendo William Branham, um dos evangelistas mais famosos do país. Jones não era nem de longe tão conhecido, mas conseguiu atrair uma parte significativa da plateia, principalmente negros. Um dos que ficou impressionado depois de ouvir Jones foi Archie Ijames, um homem autodidata e de espírito independente em seus quarenta e poucos anos. Ijames havia perdido a esperança de que qualquer igreja fosse capaz de desafiar eficazmente o racismo. No entanto, ele achou a mensagem inclusiva de Jones inspiradora e, depois disso, visitou o Templo do Povo com sua esposa e filhos. Toda a família gostou da experiência e tornou-se membro. Ijames era um líder natural, inteligente, enérgico e dedicado. Jones reconheceu seu potencial.

Jones adotou a doutrina dos "Filhos Manifestados de Deus" do movimento Latter Rain, que defendia que os indivíduos poderiam se tornar manifestações de Deus com dons sobrenaturais, sinalizando a segunda vinda de Cristo. Jones incorporou essa crença em suas ideias utópicas e passou a ensinar que ele mesmo era uma manifestação de "Cristo, o Revolucionário". Assim como Branham, Jones alegou ser um retorno de Elias, o Profeta, a voz de Deus e promoveu a ideia do iminente fim do mundo (Guinn, 2018, p. 84)

No entanto, sua relação com Branham se deteriorou devido a diferenças, possivelmente relacionadas a questões raciais ou à oposição de Branham ao comunismo. Jones se afastou do movimento Latter Rain após profetizar a morte de Branham. Nesse período, Jones também tomou conhecimento de Pai Divino, um líder espiritual afro-americano do movimento Missão Internacional da Paz, que viria a influenciar em sua pregação de várias maneiras.

Jones visitou Pai Divino em duas ocasiões, interessado em suas práticas de vida comunitária e assistência aos necessitados. Embora negasse publicamente muitos dos ensinamentos de Pai Divino, Jones começou a implementar gradualmente as práticas que testemunhou na Missão da Paz. Ele passou a promover os ensinamentos de Divino sobre vida comunitária, incluindo a criação de uma cozinha comunitária e a distribuição gratuita de alimentos e roupas para pessoas necessitadas. Guinn (2018, p. 90) aponta que Jones, em suas comparações entre seu ministério e o de Pai Divino, expressou o desejo de ser o sucessor dele.

Todas essas trajetórias que ocorrera na vida de Jim Jones se tornou aspectos importantes da sua formação, não apenas em sua formação como indivíduo, mas na criação da figura messiânica que ele iria se tornar. Jones traçou uma trajetória que levava a atos performáticos que induzia as pessoas ao verem como um grande líder. Mas para a fundação do Templo do Povo, o povo era a chave fundamental, se havia um orador, havia espectador.

1.2 O POVO

Como citado no tópico anterior, abordamos a vida e carreira de Jim Jones, até se estabelecer com um missionário evangelista, abordaremos então nesse tópico como Jim

Jones conquista o povo. Como podemos analisar, Jones usava de um discurso de cunho socialista e progressista para atrair seguidores, muitos desses seguidores que viviam a margem da sociedade, principalmente pessoas negras que sofriam com a segregação racial presente nos Estados Unidos.

Figura 4: Eu acredito em Jim Jones



Fonte: The Peoples Temple Collection, Courtesy of the California Historical Society

Na década de 1960, Jim Jones desempenhou um papel ativo na promoção dos direitos civis²³ e na integração racial em Indianápolis, onde foi nomeado diretor da comissão de direitos humanos local pelo prefeito Charles Boswell. No entanto, ao

²³ A luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, envolve uma série de movimentos e eventos que buscavam garantir igualdade de direitos e eliminar a discriminação racial. Essa luta foi marcada por acontecimentos como a decisão histórica do caso "Brown v. Board of Education", o Movimento dos Direitos Civis dos anos 50 e 60, liderado por figuras como Martin Luther King Jr., e a aprovação do Civil Rights Act de 1964 e do Voting Rights Act de 1965, que desempenharam papéis significativos na promoção da igualdade racial nos Estados Unidos (Branch, 1989).

contrário do conselho do prefeito para manter um perfil discreto, Jones usou essa posição para amplificar suas opiniões por meio de programas de rádio e televisão locais.

Enquanto estava no cargo, Jones empreendeu diversas iniciativas para promover a integração racial em várias instituições (Guinn, 2018, p. 99;100), incluindo igrejas, restaurantes, empresas de telecomunicações, o Departamento de Polícia de Indianápolis, teatros, parques de diversões e o Hospital Indiana University Health Methodist. Jim também se envolveu em ações diretas, como multar restaurantes que se recusavam a atender clientes negros e corresponder com líderes do Partido Nazista Americano, divulgando suas respostas contra o movimento na mídia (Guinn, 2018). Sua atuação teve um impacto significativo na integração racial em Indianápolis, tornando a cidade mais inclusiva e racialmente diversificada, Guinn diz:

Jones also positioned himself as a buffer against the radical white fringe. The American Nazi Party constantly opposed integration, claiming it would result in miscegenation that fouled the purity of the white race. Jones wrote to the party leadership in Arlington, Virginia, requesting a meeting to discuss the issue—after all, God loved everyone. Surely the Nazis agreed. He expected to be rebuffed, and was. A letter he received from Nazi Party lieutenant Dan Burros declared, “It does not surprise me that an integrationist would attempt to annihilate his opponents with love. The trouble with all your beliefs is that they are unnatural. Natural laws require, nay demand, struggle. Your doctrines of weakness cannot possibly prevail. [. . .] Our natures are so divergent that we could never understand each other. Heil Hitler!” Copies of the letter were circulated at Indianapolis City Hall. In contrast to the unnerving divisiveness of the Nazis and Black Muslims, Jim Jones’s positive efforts to bring about integration seemed appropriate, even reassuring²⁴. (Guinn, 2018, p. 103)

²⁴ Tradução nossa: Jones também se posicionou como um intermediário contra a ala radical branca. O Partido Nazista Americano constantemente se opunha à integração, alegando que resultaria em miscigenação que sujaria a pureza da raça branca. Jones escreveu para a liderança do partido em Arlington, Virgínia, solicitando uma reunião para discutir o assunto - afinal, Deus amava a todos. Certamente os nazistas concordariam. Ele esperava ser rejeitado, e assim o foi. Uma carta que ele recebeu do tenente do Partido Nazista, Dan Burros, declarou: "Não me surpreende que um integrista tente aniquilar seus oponentes com amor. O problema com todas as suas crenças é que são antinaturais. As leis naturais exigem, aliás, exigem a luta. Suas doutrinas de fraqueza não podem prevalecer de forma alguma... Nossas naturezas são tão divergentes que nunca poderíamos nos entender. Heil Hitler!" Cópias da carta foram circuladas na Prefeitura de Indianápolis. Em contraste com a divisão perturbadora dos nazistas e dos Muçulmanos

No entanto, seu engajamento em causas de integração racial não foi isento de controvérsias, e o Templo Popular passou a ser alvo de supremacistas brancos, com incidentes como a pichação de suásticas no Templo e ameaças. Mesmo diante dessas adversidades, a publicidade gerada pelas atividades de Jones atraiu uma congregação maior, consolidando sua influência e base de apoio. Ao final da década de 1960, o Templo Popular estava crescendo rapidamente, atraindo especialmente estudantes e minorias raciais com suas mensagens. Isso levou Jones a expandir o Templo, abrindo filiais em várias cidades (Guinn, 2018, p. 103), incluindo São Francisco e Los Angeles, à medida que concentrava suas atividades nas principais cidades da Califórnia. Uma estratégia-chave de expansão foi o recrutamento ativo de membros de outras igrejas, como a Igreja Batista Missionária de São Francisco. Jones organizou reuniões de avivamento, muitas vezes atacando e condenando as doutrinas de outras igrejas, incentivando seus membros a se juntarem ao Templo do Popular.

Figura 5: Pastor Jim Jones



Fonte: From the Peoples Temple Collection, Courtesy of the California Historical Society

Negros, os esforços positivos de Jim Jones para promover a integração pareciam apropriados, até mesmo tranquilizadores.

Guinn (2018, p. 314) destaca que Jones se tornou um ator importante na política de São Francisco, estabelecendo contatos com políticos locais e estaduais. Ele desempenhou um papel fundamental na eleição de George Moscone como prefeito de São Francisco em 1975 e foi nomeado presidente da Comissão de Habitação da cidade. Suas conexões com políticos importantes, tanto estaduais quanto nacionais, tornaram-no uma figura influente no cenário político.

Ainda na década de 1960, Jim Jones experimentou uma série de mudanças significativas em sua vida e na trajetória do Templo Popular, que começou a ser chamado de Templo do Povo. Sua jornada incluiu uma busca por refúgio na América do Sul devido a temores de um iminente ataque nuclear, reflexos da Guerra Fria. E em 1961, Jones proclamou ter recebido “visões” desse possível ataque iminente que devastaria Indianápolis, onde ainda era a sede do templo. Essas visões podem ter sido influenciadas pelas profecias de William Branham sobre a destruição dos Estados Unidos em uma guerra nuclear. Como resultado, Jones partiu em busca de um local seguro na América do Sul, (Guinn, 2018, p. 111), pois acreditava que essa área era um refúgio. Realizou viagens em Georgetown, Guiana, e Belo Horizonte e Rio de Janeiro, no Brasil, Guinn comenta que:

[...] South America seemed likeliest, and of the options listed there by Esquire, Brazil appeared to have the most potential, based on a government that seemed less dictatorial than Argentina's and more commodious than the Central Valley of Chile. Most Temple members were American city folk. Belo Horizonte was a center of agriculture and mining in the eastern Brazilian state of Minas Gerais. American missionaries based there found great numbers of potential converts from among Brazil's indigenous population, as well as the poor who thronged the city. Jones had complained to Max Knight that Indianapolis wasn't sufficiently "wide open." Even its ghetto population was limited. Belo Horizonte was the opposite. In that city, there seemed to be no discernible limits for someone with the energy and vision to pursue socialist dreams. How could he not succeed?²⁵ (Guinn, 2018, p. 112)

²⁵ Tradução nossa: "[...] A América do Sul parecia a opção mais provável e, das opções listadas pela Esquire, o Brasil parecia ter o maior potencial, com base em um governo que parecia menos ditatorial do que o da Argentina e mais acolhedor do que o Vale Central do Chile. A maioria dos membros do Templo eram urbanos americanos. Belo Horizonte era um centro de agricultura e mineração no estado brasileiro de Minas

Após sua passagem pela América do Sul, Jones voltou a Indiana em 1963, onde encontrou o Templo do Povo amargamente dividido. Problemas financeiros e baixa frequência levaram Jones a vender o prédio da igreja e a se mudar para um espaço menor nas proximidades de Los Angeles. Para arrecadar fundos, Jones realizou campanhas de cura e voltou a proferir profecias sobre uma guerra nuclear, que supostamente levaria a um novo “Éden socialista na Terra” (Guinn, 2018, p. 128). Essas previsões serviram para distrair os membros do Templo do Povo dos problemas que sua igreja enfrentava e incentivá-los a continuar seguindo Jones.

Em 1965, Jones e seus seguidores se estabeleceram em Redwood Valley (Guinn, 2018, p. 133), Califórnia. A Califórnia tornou-se o novo lar do Templo do Povo, e Jones aproveitou sua conexão com a Igreja dos Discípulos de Cristo para angariar novos seguidores. Em sua nova localização na Califórnia, Jones desenvolveu uma teologia complexa e influenciada por várias fontes, incluindo as antes citadas de William Branham, o movimento Latter Rain e as doutrinas de "socialismo econômico divino" de Pai Divino. Ele usou o contexto religioso para disfarçar suas crenças comunistas, promovendo o socialismo sob o pretexto de "justiça social apostólica". No entanto, ele também começou a promover sua própria divindade, alegando não ser mais um profeta, mas sim a encarnação de Deus.

À medida que sua influência crescia, Jones passou a controlar todos os aspectos da vida de seus seguidores, estabelecendo um sistema de comunidade comunal e coletivismo (Guinn, 2018, p. 187). Ele também recorreu a táticas de medo, profetizando ameaças iminentes, como guerras raciais e apocalipse nuclear, para manter seus seguidores sob controle. Sua manipulação e abuso de poder incluíram coerção sexual, violência física e punições para quem desobedecesse. Começou a usar drogas ilícitas, fazendo com que suas paranoias crescessem e a evolução de seu controle sobre os seguidores tornam a questão da autenticidade de suas crenças uma questão dúbia, pois para muitos Jones não acreditava nas suas próprias histórias, esses pontos são discutidos por Guinn, o autor cita:

Gerais. Missionários americanos baseados lá encontraram muitos potenciais convertidos entre a população indígena do Brasil, bem como entre os pobres que lotavam a cidade. Jones havia reclamado a Max Knight que Indianápolis não era suficientemente "aberta". Mesmo a população de sua área degradada era limitada. Belo Horizonte era o oposto. Naquela cidade, parecia não haver limites discerníveis para alguém com energia e visão para buscar sonhos socialistas. Como ele não poderia ter sucesso?"

Communal diets consisted of inexpensive, simple fare—oatmeal for breakfast, peanut butter sandwiches for lunch. Those lucky enough to live with inventive cooks benefited. Communal member Laurie Efrein was renowned for her ability to turn bread, a few vegetables, and some cheese into delicious toasted sandwiches. To some, who'd survived ghetto life or stretches of living hand-to-mouth on the street, the food provided was better than any they'd previously had. At night, communals crammed three or four to a room, sleeping on narrow cots or in sleeping bags. Private bathroom time was at a premium, if enjoyed at all—modesty was a bourgeois affectation. Bodily functions were natural, not something to be ashamed of. True socialists understood this. [...] Jones begrudged even an hour of a member's time spent on anything not directly related to the Temple. Going to a movie or to dinner at a café or restaurant was prohibited; the time and money involved was better invested in furthering the cause. Social interaction with outsiders was frowned upon. Chatting with neighbors, having after-work drinks with day job coworkers, might result in members inadvertently revealing something that could be used against the Temple. Better to devote every possible minute to whatever tasks Jones or his lieutenants assigned. Other common comforts were denied. Use of alcohol, tobacco, and drugs was forbidden. A single beer, a quick smoke, a toké on a joint—all these things, Jones insisted, weakened the will as well as the body. He also discouraged romantic relationships; devotion to a lover might outweigh commitment to the Temple. Couples who joined the church were allowed to remain that way, but time together was severely limited by Temple chores and duties²⁶. (Guinn, 2018, p. 191;192)

²⁶ Tradução nossa: “As dietas comunitárias consistiam em alimentos baratos e simples: aveia no café da manhã e sanduíches de pasta de amendoim no almoço. Aqueles com a sorte de viver com cozinheiros inventivos se beneficiaram. A membra da comunidade Laurie Efrein era renomada por sua habilidade em transformar pão, alguns vegetais e queijo em deliciosos sanduíches tostados. Para alguns que haviam sobrevivido à vida em guetos ou passado por períodos de viver com o dinheiro contado na rua, a comida fornecida era melhor do que qualquer coisa que tinham tido anteriormente. À noite, os membros da comunidade se amontoavam em quartos com três ou quatro pessoas, dormindo em camas estreitas ou em sacos de dormir. O tempo no banheiro privado era um luxo, se fosse desfrutado de alguma forma - a modéstia era uma afetação burguesa. Funções corporais eram naturais, não algo do que se envergonhar. Verdadeiros socialistas entendiam isso. [...] Jones ressentia até mesmo uma hora do tempo de um membro gasto em qualquer coisa que não estivesse diretamente relacionada ao Templo. Ir ao cinema ou jantar em um café ou restaurante estava proibido; o tempo e o dinheiro envolvidos eram mais bem investidos em promover a causa. A interação social com pessoas de fora era desaprovada. Conversar com vizinhos, tomar uma bebida com colegas de trabalho após o expediente, poderia resultar em membros inadvertidamente

Na década de 1970, a figura de Jim Jones e o Templo do Povo começou a ser alvo da imprensa e de autoridades, sendo criticado pelos seus métodos evangelistas. A cobertura midiática começou a emergir em 1971, quando a imprensa relatou a realização de um dos serviços de cura divina de Jones durante uma visita à sua antiga igreja em Indianápolis. Jones alegava realizar "milagres" de cura pela fé desde suas campanhas conjuntas com William Branham, mas investigações revelaram que muitas dessas curas eram encenadas, essas práticas podem ser pontos de uma criação de uma realidade alternativa, fazendo com os membros do templo suspendessem suas crenças a uma realidade "comum, onde milagres curar poderiam ser consideradas reais. Essas revelações abalaram a confiança em suas práticas e foram acompanhadas por acusações de abuso sexual, incluindo casos de estupro de seguidores da congregação (Guinn, 2018, p. 221).

Em dezembro de 1973, ele foi preso em Los Angeles, acusado de conduta lasciva, embora a acusação tenha sido posteriormente retirada. Concomitantemente, um ex seguidor, Ross Case, começou a investigar o Templo do Povo em Ukiah e relatou abusos e a encenação de curas falsas (Guinn, 2018, p. 262). A imprensa também divulgou essas denúncias e em março de 1977, um artigo na revista *New West*, escrito por Marshall Kilduff, expôs abusos físicos, emocionais e sexuais dentro do Templo do Povo.

Todo esse escrutínio público e negativismo levou Jones a acreditar que sua permanência nos Estados Unidos era insustentável, levando-o a se mover permanentemente para a América do Sul como antes planejado. A sede do Templo então se muda para Guiana, que aceitou receber Jones e seus seguidores, a Guiana tinha se tornado independente e buscava um governo socialista, que batia com as ideias de Jim Jones. Ele então promoveu a comuna de Jonestown, como um refúgio socialista, onde pretendia continuar a exercer seu controle sobre seus seguidores. Em maio de 1977, Jones e centenas de seus seguidores chegaram a Jonestown (Guinn, 2018, p. 265).

revelando algo que poderia ser usado contra o Templo. Era melhor dedicar cada minuto possível às tarefas atribuídas por Jones ou seus tenentes. Outros confortos comuns eram negados. O uso de álcool, tabaco e drogas era proibido. Uma única cerveja, um cigarro rápido, um trago em um baseado - todas essas coisas, insistia Jones, enfraqueciam à vontade, assim como o corpo. Ele também desencorajava relacionamentos românticos; a devoção a um amante poderia superar o compromisso com o Templo. Casais que se juntaram à igreja eram autorizados a permanecer juntos, mas o tempo junto era severamente limitado por tarefas e deveres do Templo.”

Durante a sua estadia em Jonestown, os seguidores de Jones enfrentaram um regime de trabalho rigoroso, com dias de trabalho longos e intensos seguidos por horas de atividades com foco na doutrinação. Guinn (2018, p. 360) demonstra que o líder religioso controlava o fluxo de informações, expondo seu ponto de vista comunista e antiamericano e reforçando sua visão distorcida do mundo exterior. O período de transição de Jones e do Templo do Povo para Jonestown foi marcado por escândalos, pressões da imprensa e uma série de ações de fuga. No entanto, a figura carismática de Jones ainda mantinha uma grande influência sobre seus seguidores e a comunidade de Jonestown cresceu, mesmo enquanto as suspeitas e acusações negativas persistiam, Guinn relata que:

Fully a third of Jonestown's population was pensioners, almost all of them black, who were attracted to the Temple by Jones's promises to care for them well in their old age. Their earlier lives had been a struggle. When Jones warned in the pavilion of sudden Klan expansion, or the U.S. government building concentration camps, they remembered well burning crosses and white sheriffs with fire hoses and snarling dogs. What Jones described was only a step or two beyond what they'd personally experienced, and so they believed what he told them. In Jonestown they had beds, albeit stacked bunks in cramped quarters, and regular meals, and immediate medical care when they needed it instead of endless hours in waiting rooms at public hospitals and impersonal, cursory treatment. They were asked to work, but not much, putting finishing touches on toys and dolls, tending small gardens. Sure, Jones wanted their Social Security checks and disability checks and any other money they had coming in, but look at all they got for it. The elderly people didn't want to leave²⁷. (Guinn, 2018, p. 363)

²⁷ Tradução nossa: "Um terço da população de Jonestown eram aposentados, quase todos negros, que foram atraídos para o Templo pelas promessas de Jones de cuidar bem deles na velhice. Suas vidas anteriores haviam sido uma luta. Quando Jones advertiu na tenda sobre a expansão repentina da Klan, ou o governo dos EUA construindo campos de concentração, eles se lembraram das cruzes queimadas, dos xerifes brancos com mangueiras de incêndio e cães raivosos. O que Jones descreveu estava apenas a um passo ou dois além do que eles pessoalmente tinham vivenciado, e por isso acreditaram no que ele lhes dizia. Em Jonestown, eles tinham camas, embora beliches empilhados em alojamentos apertados, e refeições regulares, além de cuidados médicos imediatos quando precisavam, em vez de horas intermináveis nas salas de espera de hospitais públicos e tratamento impessoal e superficial. Pediram-lhes para trabalhar, mas não muito, dando os retoques finais em brinquedos e bonecas, cuidando de pequenos jardins. Claro, Jones queria os cheques da Previdência Social e os cheques de invalidez e qualquer outro dinheiro que estivessem recebendo, mas vejam tudo o que recebiam em troca. As pessoas idosas não queriam sair."

Os seguidores também começaram a passar por ensaios de suicídio coletivos, que ficou conhecido como "*White Night*" (noite branca). Isso consistia em todos se reunirem no galpão principal, que servia de refeitório, e ingerirem um suco supostamente com veneno (Guinn, 2018, p. 367). O primeiro ensaio fez com que muitos questionassem as ideias de Jones, ao que ele reagiu apenas informando que se tratava de um teste de fé dos seguidores. No segundo ensaio, todos os seguidores, vivendo por mais tempo em Jonestown, ingeriram o suposto suco. Pode-se deduzir que a ingestão foi feita porque acreditavam que não possuía veneno ou por acreditarem no discurso de Jim Jones, que informava sobre uma suposta invasão americana e que todos seriam levados como prisioneiros, e o suicídio seria uma forma de libertação. A "*White Night*" será o principal foco do capítulo dois, abordando os conceitos de verossimilhança e suspensão da descrença, que serão desenvolvidos no capítulo três.

Figura 6: Crianças de Jonestown



Fonte: Peoples Temple Collection (1972-1990)

Em novembro de 1978, o congressista Leo Ryan liderou uma missão de investigação a Jonestown, com o objetivo de apurar alegações de abusos aos direitos humanos (Guinn, 2018, p. 380). A delegação de Ryan incluía parentes de membros do

Templo, uma equipe de câmera da NBC e repórteres de vários jornais. Após a chegada a Georgetown, capital da Guiana, no dia 15 de novembro, a delegação viajou para Port Kaituma, de onde foram transportados para Jonestown. Jim Jones, líder do Templo, organizou uma recepção para a delegação na noite de sua chegada. Durante esse evento, um membro do Templo, Vernon Gosney, conseguiu entregar um bilhete destinado a Ryan ao repórter Don Harris, solicitando ajuda para ele e outra membro do Templo, Monica Bagby, que desejavam deixar o local, o bilhete dizia “*Vernon Gosney and Monica Bagby: Please help us get out of Jon- estown.*”²⁸” (Guinn, 2018, p. 425).

A visita da delegação foi interrompida quando Don Sly, tentou esfaquear Ryan, que conseguiu escapar ileso (Guinn, 2018, p. 434), fazendo com que partissem às pressas no dia 18 de novembro, levando consigo 15 membros do Templo que expressaram o desejo de abandonar o local, sem que Jones tentasse impedir sua saída. Membros armados do Templo, conhecidos como a Brigada Vermelha, chegaram à pista de Port Kaituma e abriram fogo contra a delegação de Ryan, resultando na morte do congressista e de outras quatro pessoas (Guinn, 2018, p. 440).

Fora totalizado cinco mortos na pista de decolagem, sendo eles Ryan, Don Harris, Bob Brown (cinematista da NBC), Greg Robinson (fotógrafo do San Francisco Examiner) e Patricia Parks (membro do Templo). Sobreviveram ao ataque a futura congressista Jackie Speier, Richard Dwyer (Vice-Chefe da Missão da Embaixada dos EUA em Georgetown), Bob Flick (produtor da NBC), Steve Sung (engenheiro de som da NBC), Tim Reiterman (repórter do Examiner), Ron Javers (repórter do Chronicle), Charles Krause (repórter do Washington Post) e vários desertores do Templo, que fugiram para a selva para evitar a morte.

Jones, ciente de que alguns membros da delegação escaparam, acreditou que eles informariam os Estados Unidos sobre o ataque, o que poderia resultar em uma intervenção militar em Jonestown. Ele convocou a comunidade para o pavilhão central e informou que Ryan estava morto e que era apenas uma questão de tempo até que as forças militares invadissem o “Templo”. Neste ponto, Jones e outros membros influentes defendiam que a única saída seria um “suicídio revolucionário”. Jones concordou com os líderes, e começou os preparativos. Todo o ritual de suicídio coletivo fora registrado em áudio, que ficou conhecido posteriormente como a “fita da morte”. Gritos e lamentos de crianças e

²⁸ Tradução nossa: “Vernon Gosney e Monica Bagby: Por favor, nos ajudem a sair de Jonestown.”

adultos são audíveis, com o discurso de Jim Jones ao fundo, sempre reforçando que essa era uma forma de libertação (Guinn, 2018, p. 445).

A bebida de Flavor Aid misturada com cianeto foi distribuída para os membros, e aqueles que se recusavam a consumi-la voluntariamente eram injetados com cianeto por seringa. A presença de guardas armados cercando a multidão obrigava os membros a confrontarem a escolha entre a morte por veneno ou pelas mãos de um guarda. Conforme o cianeto surtia efeito, os membros eram conduzidos para fora do pavilhão, onde morriam sufocados e assista a agonia dos demais à medida que as vítimas pereciam (Guinn, 2018, p. 448). Permanece incerto se alguns membros inicialmente perceberam a ação como mais um "ensaio do White Night", uma prática antes citada do Templo do Povo, ou se tratava de fato de uma situação extrema.

Diante de manifestações de dissidência e histeria, Jim Jones os instigava a manter a "dignidade" na morte. Ele enfatizava que a morte era uma "transição para outro plano" e afirmava que a morte era "uma amiga". Jones ordenou que as crianças fossem mortas em primeiro lugar, sendo os seus pais responsáveis por darem o suco com cianeto, seguida do suicídio dos adultos, finalizando com os guardas e líderes do alto escalão, Guinn relata:

The vat was fetched, and as a woman who was about to die shouted "Go on to Zion, and thank you, Dad," Jones began a rambling monologue: "We used to think this world was not our home. Well, it sure isn't. [...] We said, one thousand people who said, 'We don't like the way the world is.'" He interrupted himself to tell someone in line, "Take some," and then continued. "Take our life from us. We laid it down. We got tired. [...] We didn't commit suicide. We committed an act of revolutionary suicide protesting the conditions of an inhumane world."²⁹ (Guinn, 2018, p. 448)

Após o suicídio em massa, apenas 85 membros sobreviveram, alguns que se esconderam na selva, enquanto outros se esconderam nas dependências. Três membros de alto escalão do Templo do Povo receberam a missão de transferir os fundos do Templo

²⁹ Tradução nossa: "O recipiente foi trazido, e enquanto uma mulher prestes a morrer gritava "Vá para Sião e obrigado, Pai", Jones começou um monólogo confuso: "Costumávamos pensar que este mundo não era nossa casa. Bem, com certeza não é... Dizíamos, mil pessoas que diziam: 'Não gostamos do jeito que o mundo é.'" Ele se interrompeu para dizer a alguém na fila, "Pegue um pouco", e depois continuou. "Tire nossa vida de nós. Nós a entregamos. Ficamos cansados... Não cometemos suicídio. Cometemos um ato de suicídio revolucionário, protestando contra as condições de um mundo desumano."

para a Embaixada Soviética e, assim, escaparam da morte. A investigação posterior revelou que uma quantidade significativa do dinheiro fora desviada por esses enviados, que fugiriam e não realizaram o suposto depósito. (Guinn, 2018, p. 574)

Figura 7: Corpos empilhados fora do Galpão (Refeitório)



Fonte: Peoples Temple Collection (1972-1990)

Jonestown em 18 de novembro de 1978, representa um dos episódios das muitas faces de um extremismo religioso que permeia a sociedade americana, caracterizado por um suicídio em massa fazendo 918 vítimas, dos quais 276 eram crianças (Guinn, 2018, p. 453), marcando-se como a maior perda de vidas civis americanas, até os ataques de 11 de setembro de 2001 em Nova York e Washington. O exército da Guiana chegou a Jonestown, onde encontrou os corpos das vítimas. Os corpos foram posteriormente transportados para os Estados Unidos para enterro, os dados são informados por Guinn, que diz:

The announced number of dead grew to 700 on Thursday, 780 on Friday, and finally, a week after the tragic event, 909. Counting Sharon Amos and her three children, plus Ryan and the other four killed in Port Kaituma, the final death count of November 18, 1978, was 918³⁰. (Guinn, 2018, p. 453)

³⁰ Tradução nossa: “O número anunciado de mortos aumentou para 700 na quinta-feira, 780 na sexta-feira e, finalmente, uma semana após o trágico evento, 909. Contando Sharon Amos e seus três filhos, além de Ryan e os outros quatro mortos em Port Kaituma, o número final de mortes em 18 de novembro de 1978 foi 918.”

Jim Jones, líder do Templo, foi encontrado morto por suicídio, e sua autópsia revelou altos níveis de pentobarbital em seu corpo. Os filhos de Jim também morreram em Jamestown através da ingestão do suco de cianeto. Jones, se matou com um tiro na cabeça.

2. CAPÍTULO II: OS TRÊS ATOS, AS TRÊS NOITES BRANCAS

No capítulo anterior, apresentamos uma breve biografia da vida de Jim Jones e a criação do Templo do Povo, desde suas origens até o seu trágico fim. Neste capítulo, abordaremos as três ocorrências das chamadas "Noites Brancas," que foram rituais conduzidos por Jim Jones após a mudança do Templo do Povo da Califórnia para Jonestown, na Guiana. Essas "Noites Brancas" eram ensaios de suicídio coletivo, também conhecidos como "suicídios revolucionários," concebidos por Jones como uma possível forma de libertação diante do suposto ostracismo do governo dos Estados Unidos, devido à associação do Templo com o comunismo soviético (Guinn, 2018).

Para analisar essas três "Noites Brancas," utilizaremos dois conceitos literários previamente mencionados: a suspensão voluntária da descrença e a verossimilhança. Esses conceitos nos proporcionarão uma nova perspectiva sobre como a manipulação e o controle de massas podem ser aplicados por líderes de cultos, como no caso de Jim Jones e seus seguidores do Templo do Povo. Esses conceitos literários nos auxiliarão a compreender o que leva determinados grupos a se submeterem a rituais extremos, como o suicídio revolucionário.

As "Noites Brancas" foram escolhidas como foco de análise, pois representam o ponto crucial da manipulação implementada por Jim Jones. Podemos examinar todos os aspectos desse culto por meio desses dois conceitos e realizar diversas análises. No entanto, optamos por concentrar nossa atenção nesses pontos específicos, uma vez que eles ilustram como esses conceitos literários podem ser aplicados ao estudo de movimentos sectários e figuras messiânicas.

A exploração desses conceitos literários e suas implicações nos estudos de movimentos religiosos, cultos, apresentações performáticas e na historiografia estará detalhada no Capítulo III deste trabalho. Para uma compreensão mais aprofundada desses conceitos ao longo dos tópicos, faremos uma síntese de sua aplicação.

A suspensão voluntária da descrença é um conceito que abrange as áreas da ficção e da fantasia literária. Esse conceito foi estabelecido pelo poeta britânico Samuel Taylor Coleridge (1832) e consiste em o leitor temporariamente deixar de lado suas crenças para acreditar nas situações fictícias propostas pelo autor. Ao ler uma obra de literatura, como "O Senhor dos Anéis," suspendemos temporariamente nossas crenças para nos envolver

no mundo ficcional criado por Tolkien (2021). A Terra Média e seus personagens tornam-se reais, pelo menos por um momento, para que possamos nos conectar melhor com a história e os personagens.

No entanto, Tolkien estabelece regras para o seu mundo ficcional, tornando-o semelhante ao nosso mundo. Os personagens comem, têm fome, sede, dormem, têm emoções, respiram e morrem. Além disso, o mundo de Tolkien é modelado de acordo com a Idade Média do mundo real. Portanto, os leitores estranhariam se, no meio da obra, os personagens pegassem um avião para chegar até Mordor e completar a missão. Isso ocorre porque, mesmo quando praticamos a suspensão da descrença, o autor estabelece regras que devem ser seguidas para que o mundo fictício seja crível e consistente (Wood, 2017).

Podemos também compreender a suspensão da descrença em outras situações. Por exemplo, se alguém disser: "Cheguei atrasado hoje porque meu ônibus foi infestado por fadas mordedoras", automaticamente deduzimos que essa informação é falsa, pois não há evidências da existência de fadas mordedoras. No entanto, se alguém disser: "Enquanto eu estava estudando para minha prova, ouvi o Espírito Santo sussurrar no meu ouvido que tudo ficará bem", para algumas pessoas, isso pode ser considerado real, pois faz parte de sua realidade e crenças pessoais. A suspensão da descrença pode ser aplicada em várias situações, desde que as regras estabelecidas pelo autor ou a lógica interna do contexto não sejam quebradas (Coleridge, 1985).

A verossimilhança, embora seja um conceito literário, tem aplicações em diversas áreas. Aristóteles (2005) menciona a utilização da verossimilhança na construção do discurso. Este conceito consiste na verdade estabelecida pelo autor, especialmente em uma obra ficcional. Podemos entender a verossimilhança como a aplicação de lógica e verdade dentro do contexto de uma obra. Em uma obra de ficção, uma vez que as regras desse mundo fictício tenham sido estabelecidas, os personagens devem agir de acordo com essas regras. Caso contrário, se agirem de forma inconsistente com as normas previamente estabelecidas, isso pode quebrar a conexão do leitor com a obra.

A verossimilhança é importante para estabelecer a suspensão voluntária da descrença. Isso significa que o discurso verossímil deve estar em conformidade com as normas já estabelecidas. Para ilustrar esse conceito, imagine um historiador fazendo pesquisa e encontrando uma fonte que relata uma invasão de soldados romanos na cidade de Atenas. O historiador deve examinar a veracidade da fonte, investigando detalhes como o ano em que ocorreu a invasão, os motivos por trás dela, a identidade do autor ou

possíveis autores da fonte, entre outros fatores (Pinsky, 2010). Com base nessas informações, o historiador pode avaliar a credibilidade da fonte e trabalhar com ela para reescrever a história, adicionando informações que a tornem mais crível e coerente com os fatos conhecidos.

Compreendendo esses conceitos, abordaremos em três breves tópicos as "Noites Brancas", sendo divididas em três atos, pois se tratava de uma ação performática estabelecida por Jim Jones. Onde as duas primeiras noites se tratava de um "ensaio", e a última noite (realizada durante o dia, mas por coerência com as demais a chamaremos de noite) realizou o grande suicídio revolucionário.

2.1 ATO UM, PRIMEIRA NOITE, CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA

No tópico anterior, apresentamos os conceitos literários. Neste tópico, abordaremos a primeira "Noite Branca," que ocorreu em setembro de 1977. Jim Jones estava sofrendo forte pressão política e da mídia, pois a mudança do Templo do Povo da Califórnia para Jonestown chamou a atenção dos jornais americanos. Durante esse processo de mudança, várias crianças acompanharam seus pais ou responsáveis, incluindo o filho de John Victor, que entrou com um pedido na Suprema Corte americana para recuperar seu filho (Guinn, 2018). Esse cenário gerou uma forte pressão sobre Jim Jones, que começou a questionar os propósitos do Templo. No entanto, acima de tudo, ele não queria ser preso, pois não gostava da ideia de uma vida na prisão (Guinn, 2018).

Jones então propôs aos seus fiéis seguidores que jamais seria preso e que atentaria contra sua própria vida caso essa situação ocorresse. Assim se desenvolve o primeiro ato da "Noite Branca." Nesse cenário de fortes pressões, Jim Jones se viu encurralado, pois seus planos de expansão do Templo não estavam se concretizando, tornando a situação desfavorável (Guinn, 2018).

Jones reuniu então todos os seus seguidores e, ao invés de admitir suas falhas, alterou o cenário para um ataque iminente contra todos os seguidores. O governo americano estava interessado apenas em prender Jim Jones e seus seguidores mais próximos, enquanto os civis eram vistos como reféns a serem resgatados (Guinn, 2018).

Vale ressaltar que a maioria dos seguidores de Jim Jones eram pessoas negras ou marginalizadas, que nem sempre podiam contar com a ajuda do estado para resolver seus problemas. Acreditar que o governo americano estava interessado em ajudá-los era inverossímil para eles. Além disso, eles viviam em total isolamento, o que os mantinha desinformados sobre os interesses do governo americano em resgatá-los. Por outro lado, Jim Jones se apresentava como uma figura protetora que sempre estava lá para ajudá-los, e havia verdade em seu discurso, Guinn relata que:

[..] He worried that Reid might have been sufficiently offended at being tracked down in the United States to withdraw his personal support, and in early October he wrote to the deputy minister that he had understood that the Guyanese government would handle “situations like that of my son, John Stoen, with a firm hand, by simply stating that there is no [American] jurisdiction. . . . We need to know where we stand. Personally, I am so weary of constant political harassment that I would gladly sacrifice myself if it would mean any assurance of peace for my people. But members of my organization will not accept that. They do not want to work and build without my presence.” Reid promised Jones that no one would arrest him, in Jonestown, Georgetown, or anywhere else in Guyana. Jones didn’t believe it; there was a new court date in Georgetown, so the matter of John Victor clearly wasn’t resolved, and the custody of his little son and many more Jon-estown children remained at risk. The September 1977 “White Night”—a settle-ment term for those occasions when Jones summoned everyone to deal with a sudden, life-threatening crisis—would prove to be only the first. In Jones’s mind, his adversaries were wilier and more numerous than ever. The conspiracies against him had grown international in scope. He reacted accordingly.³¹ (Guinn, 2018, p. 376).

³¹ Tradução nossa: “Ele estava preocupado que Reid poderia ter ficado suficientemente ofendido por ter sido rastreado nos Estados Unidos para retirar seu apoio pessoal. No início de outubro, ele escreveu ao vice-ministro, afirmando que tinha entendido que o governo da Guiana lidaria com "situações como a de meu filho, John Stoen, com mão firme, simplesmente declarando que não há jurisdição [americana]... Precisamos saber onde nos posicionamos. Pessoalmente, estou tão cansado do constante assédio político que prontamente me sacrificaria se isso garantisse qualquer asseguramento de paz para o meu povo. No entanto, os membros da minha organização não aceitariam isso. Eles não querem trabalhar e construir sem a minha presença." Reid prometeu a Jones que ninguém o prenderia, em Jonestown, Georgetown, ou em qualquer outro lugar da Guiana. Jones não acreditou nisso; havia uma nova data no tribunal em Georgetown, então a questão de John Victor claramente não estava resolvida, e a custódia de seu filho pequeno e de muitas outras crianças de Jonestown permanecia em risco. O "White Night" de setembro de 1977 - um termo usado para se referir às ocasiões em que Jones convocava todos para lidar com uma crise repentina

Com essa reunião noturna, Jones informa que o governo americano está prestes a atacar a todos, levá-los para a prisão e matá-los, criando um cenário de ataque constante por parte de um "suposto inimigo" que já era conhecido por muitos. O discurso de Jim era considerado verdadeiro por muitos que o ouviam. Jones expressa seu desejo de não se entregar, e para isso, ele acredita que será necessário realizar um suicídio revolucionário.

Para muitos seguidores, essa situação não foi bem recebida. Eles podiam acreditar em Jones, mas também valorizavam suas próprias vidas. Além disso, esses ataques constantes já eram informados por Jim antes mesmo da mudança para a Guiana, com menções a possíveis guerras nucleares. Jones opta, então, por realizar um ensaio desse possível suicídio (Guinn, 2018). Bebidas são distribuídas para seus seguidores, com a informação de que contêm substâncias nocivas. Quando instruídos a beber, muitos se recusam, enquanto outros hesitam antes de fazê-lo. Jones recorre a um discurso manipulador, afirmando que fez tudo por seus seguidores e que eles deveriam retribuir. Esse discurso continha uma certa verdade para muitos seguidores, o que levou aqueles que estavam em dúvida a ingerir a bebida. Guinn destaca esse discurso manipulativo:

In the months since the first White Night in September 1977, Jones occasionally proclaimed other such events, waking everyone up or calling them in from fields and classrooms to gather in the pavilion and hear more about the latest emergency—mercenaries arriving in Guyana to attack Jonestown, another attempt on his life³². (Guinn, 2018, p. 386).

No entanto, esse ato era apenas um ensaio, e Jim Jones percebeu que seus seguidores acreditavam em suas narrativas, mas não estavam dispostos a aceitar o suicídio revolucionário. Eles acreditavam que poderiam encontrar uma maneira de sobreviver em uma possível invasão. Jones começa, então, a realizar reforços positivos em seu discurso,

e ameaçadora - acabaria por ser apenas o primeiro. Na mente de Jones, seus adversários eram mais astutos e numerosos do que nunca. As conspirações contra ele tinham se expandido para um escopo internacional. Ele reagiu de acordo.”

³² Tradução nossa: Nos meses após a primeira "Noite Branca" em setembro de 1977, Jones ocasionalmente proclamava outros eventos semelhantes, acordando todos ou chamando-os dos campos e salas de aula para se reunirem no pavilhão e ouvirem mais sobre a última emergência, como mercenários chegando à Guiana para atacar Jonestown ou outra tentativa contra sua vida.

buscando convencer seus seguidores de que a ameaça era verdadeira e verossímil, e que poderia ocorrer no futuro.

2.2 ATO DOIS, NOITE DOIS, VEROSSIMILHANÇA

No tópico anterior, apresentamos a construção da narrativa durante a primeira Noite Branca. Neste tópico, abordaremos a segunda Noite Branca, que ocorreu em fevereiro de 1978 (Guinn, 2018). Ao longo desses dois anos, Jim Jones aprimorou seu discurso para fazer com que seus seguidores acreditassem que o possível ataque era real.

A narrativa já estava estabelecida, e Jones começou a reforçá-la constantemente (Lopes, 2005). Os seguidores eram chamados aleatoriamente a qualquer hora para ouvir os discursos de Jim, que continham constantes afirmações das ameaças que cercavam o Templo (Guinn, 2018). Essas afirmações se baseavam em falsas ameaças, a fim de fazer com que os seguidores acreditassem que poderiam ser perseguidos por estarem supostamente cometendo crimes contra os Estados Unidos.

O Templo mantinha sua visão comunista, e muitos seguidores estavam cientes do conflito entre a União Soviética e o mundo capitalista ocidental. Eles se sentiam ameaçados por apoiar esse regime e acreditavam que as punições poderiam ser severas. As narrativas de Jones não fugiam da realidade em que foram estabelecidas; ele não criava um discurso em que outras ameaças comprometessem o Templo. As preocupações políticas eram constantes. Jonestown era concebido como um novo Éden, um lugar onde os seguidores de Jim, que o consideravam a reencarnação de Deus, eram responsáveis por aquele lugar (Guinn, 2018).

Na segunda Noite Branca, Jim Jones convocou seus seguidores para informá-los de que a CIA estava infiltrada no governo da Guiana, que havia permitido a presença do Templo em seu território devido a suas afinidades com o comunismo (Guinn, 2018). Esse novo discurso era verossímil, pois estava alinhado com a realidade percebida pelos seguidores (Lopes, 2005). Países ocidentais que mantinham relações próximas com a União Soviética eram frequentemente alvo de ostracismo por parte do governo dos Estados Unidos. Sobre esse evento Guinn destaca:

So around dawn on February 16, 1978, when orders blared that all must rush to the pavilion, everyone expected more of the same. At first, it was. Jones announced that there was apparently a restructuring of Guyana's government. The new leaders might be in CIA thrall. Guyanese soldiers had been spotted in Port Kaituma. An attack was imminent—what should be done? Someone suggested fleeing to Russia. Jones demurred. They weren't prepared for that yet. Old people or children might be lost in the confusion, and Jones refused to leave anyone behind. No, everyone would stay in Jonestown³³. (Guinn, 2018, p. 386).

Quando Jones informou sobre essa possível invasão, muitos seguidores sugeriram fugir para a Rússia, onde se sentiriam seguros. No entanto, Jones não mantinha boas relações com os países comunistas, e o Exército dos Estados Unidos estava interessado, como mencionado anteriormente, em cidadãos americanos em solo guianense com inclinações comunistas. Jones era um alvo constante. Consciente de que essa fuga poderia ser difícil de concretizar, ele destacou as dificuldades, como a presença de idosos e crianças entre os seguidores. Jones então sugeriu novamente um suicídio revolucionário, sem informar que se tratava de um ensaio, Guinn diz:

There was no work assigned that day. The settlers remained in the pavilion, growing progressively fearful. Jones periodically left to take radio reports, finally announcing that armed forces were on their way. They would attack in a matter of hours. Their intention was to kill all who lived in Jonestown, including the children. Rather than that, everyone present must take their own lives. That would rob their enemies of any triumph. There were some murmurs of disagreement, but no one openly argued. There was a sense that the time had finally come. Some of Jones's followers were pleased—this would be a true revolutionary gesture. Others, worn out from the months of tension, simply

³³ Tradução nossa: Portanto, por volta do amanhecer de 16 de fevereiro de 1978, quando as ordens ecoaram para que todos corressem para o pavilhão, todos esperavam mais do mesmo. Inicialmente, era mais do mesmo. Jones anunciou que aparentemente estava ocorrendo uma reestruturação do governo da Guiana. Os novos líderes poderiam estar sob o controle da CIA. Soldados guianenses foram avistados em Port Kaituma. Um ataque era iminente - o que deveria ser feito? Alguém sugeriu fugir para a Rússia. Jones hesitou. Eles não estavam preparados para isso ainda. Pessoas idosas ou crianças poderiam se perder na confusão, e Jones se recusava a deixar alguém para trás. Não, todos permaneceriam em Jonestown.

wanted to get it over with. Vats of dark liquid were produced. Everyone was told to line up, fill a cup, and drink. The poison in the drink would kill them in about forty-five minutes. Now some did protest. Guards pushed them forward and made them drink first. Jones promised that their deaths would be peaceful. [...] Some, who'd been on the Planning Commission in San Francisco when their leader claimed to have poisoned their wine, suspected that Jones was conducting another test, and they were right. When everyone had swallowed their drinks, Jones declared, "You didn't take anything." It had been a test to see if they truly were willing to lay down their lives for the cause, and they had passed. As a reward, assignments were canceled for the rest of the day³⁴. (Guinn, 2018, p. 389).

Após dois anos de constantes discursos sobre ataques iminentes, muitos seguidores concordaram com a ideia de suicídio, considerando-a a única solução, uma vez que estavam isolados e sentiam que não tinham alternativas. As bebidas foram distribuídas novamente, e muitos seguidores as ingeriu. Jones percebeu que seu discurso, baseado em ações verossímeis para a realidade percebida pelos seguidores, estava surtindo efeito e que ele exercia um grande domínio sobre eles (Lopes, 2005). Quando os seguidores do Templo perceberam que o líquido não estava envenenado, Jones informou que aquilo havia sido mais um ensaio e que o próximo seria de fato um suicídio (Guinn, 2018).

³⁴ Tradução nossa: "Não houve trabalho atribuído naquele dia. Os colonos permaneceram no pavilhão, tornando-se progressivamente apreensivos. Periodicamente, Jones saía para receber relatórios pelo rádio, anunciando finalmente que as forças armadas estavam a caminho. Eles atacariam em questão de horas. Sua intenção era matar todos que viviam em Jonestown, incluindo as crianças. Em vez disso, todos presentes deveriam tirar suas próprias vidas. Isso privaria seus inimigos de qualquer triunfo. Houve murmúrios de desacordo, mas ninguém argumentou abertamente. Havia a sensação de que o momento havia finalmente chegado. Alguns seguidores de Jones estavam satisfeitos, pois isso seria um gesto verdadeiramente revolucionário. Outros, exaustos dos meses de tensão, simplesmente queriam que acabasse. Recipientes de líquido escuro foram apresentados. Foi dito a todos que se alinhassem, enchessem um copo e bebessem. O veneno na bebida os mataria em cerca de quarenta e cinco minutos. Agora, alguns protestaram. Guardas os empurraram para frente e os fizeram beber primeiro. Jones prometeu que suas mortes seriam pacíficas. [...] Alguns, que estiveram na Comissão de Planejamento em São Francisco quando seu líder afirmou ter envenenado seu vinho, suspeitavam que Jones estava conduzindo outro teste, e estavam certos. Quando todos tinham ingerido suas bebidas, Jones declarou: "Vocês não tomaram nada". Isso tinha sido um teste para ver se eles estavam realmente dispostos a sacrificar suas vidas pela causa, e eles tinham passado. Como recompensa, as atribuições foram canceladas pelo restante do dia."

2.3 ATO TRÊS, ÚLTIMA NOITE, SUSPENSÃO “VOLUNTÁRIA”

Analisamos no tópico anterior a construção de uma narrativa verossímil criada por Jim Jones. Neste tópico, apresentaremos a última "Noite Branca" realizada pelos seguidores do Templo do Povo. Após as constantes afirmações de um ataque iminente do governo americano aos seguidores de Jim Jones, a possibilidade de um fim, seja pelos possíveis ataques, pelos guardas de Jim Jones ou pelo suicídio, já fazia parte da realidade daqueles que viviam em Jonestown.

Esse cenário fez com que os seguidores suspendessem a sua descrença. Tudo o que era dito por Jim Jones era visto como provável e real, não era questionável, era parte da realidade (Coleridge, 1985). Havia apenas a crença em Jim e em um ataque. No entanto, muitos membros ainda questionavam esse possível ataque, uma vez que já haviam se passado seis meses desde a última possível invasão, e Jones apenas reforçava as ameaças. Mas em novembro de 1978, com a visita da delegação do congressista Leo Ryan, essa narrativa poderia ser reforçada (Guinn, 2018).

Jones aceitou a visita do congressista para mostrar a delegação as boas condições em que seus seguidores viviam. Seu verdadeiro interesse era evitar sua prisão, convencendo o governo americano das estruturas de Jonestown. Além disso, seria uma forma de reforçar seu discurso sobre uma possível investigação e vigilância constante dos Estados Unidos contra eles. Guinn relata sobre a visita de Ryan:

[...] Jones had legal problems back in America that spilled over into Guyanese courts, and, most irritating of all, relatives of some Jonestown residents claimed that their family members were being held there against their will. Leo Ryan, a U.S. congressman from the Bay Area of California, inconvenienced the Guyanese government by insisting that he visit Jonestown to investigate. A few days previously, Ryan had arrived in Guyana with a TV crew and print reporters in tow, along with some of those raising the ruckus—Concerned Relatives, they called their organization. The visit was messy from the beginning. Jones said he wouldn't let Ryan, the media, or the Concerned Relatives into Jonestown. Ryan made it obvious he'd go there anyway and demand entrance, with the press recording it all and making Guyana look foolish and primitive to the whole world. After much negotiation, Jones grudgingly agreed to let Ryan and some others in. They'd flown out of Georgetown on Friday, November 17, in the company of a staffer from the

U.S. embassy who'd reported back that night that things were going well. And now, this³⁵. (Guinn, 2018, p. 3)

Os seguidores, ao se depararem com uma delegação contendo políticos e repórteres, se confrontaram com uma narrativa que não estava presente no discurso de Jones. Eles acreditavam que os forasteiros estavam ali apenas para atacar, e não para realizar uma visita. Alguns grupos de seguidores, como Vernon Gosney, perceberam que havia uma tentativa de retirá-los com segurança de Jonestown. Quando Ryan reuniu todos os seguidores e expressou o interesse dos Estados Unidos em permitir que aqueles que desejassem sair fossem liberados, Jones percebeu que poderia perder o controle dos seus seguidores. Eles estavam sujeitos a trabalhos árduos e punições, e as condições em Jonestown eram graves. De fato, haveria uma intervenção do exército, mas para auxiliar os civis ali presentes (Guinn, 2018).

Quando Jones solicitou a Ryan que fosse embora, quatorze seguidores expressaram o desejo de ir com o congressista, permissão essa que fora concedida por Jones. Esse número poderia ter sido maior, mas muitos tinham medo do que poderia acontecer, não apenas do exército americano, mas também de Jim Jones, que constantemente reforçava um discurso passivo-agressivo, insinuando que ele poderia fazer o que quisesse com seus seguidores (Guinn, 2018).

O Templo estava em um momento de extrema pressão, e a qualquer momento seu fim parecia iminente. Quando a delegação partiu, Jones percebeu que não teria mais controle sobre Jonestown e decidiu intervir. Ao atacar a delegação e causar a morte de Leo Ryan, Jim conseguiu criar um discurso. Agora, o ataque tinha um "corpo" e seus

³⁵ Tradução nossa: Jones teve problemas legais nos Estados Unidos que se estenderam para os tribunais da Guiana, e, o mais irritante de tudo, parentes de alguns residentes de Jonestown alegaram que seus familiares estavam sendo mantidos lá contra a vontade deles. Leo Ryan, um congressista dos EUA da área da Baía da Califórnia, inconvenienciou o governo da Guiana ao insistir em visitar Jonestown para investigar. Poucos dias antes, Ryan havia chegado à Guiana com uma equipe de TV e repórteres impressos, juntamente com alguns dos que estavam causando tumulto - eles chamavam sua organização de "Parentes Preocupados". A visita foi confusa desde o início. Jones disse que não permitiria que Ryan, a mídia ou os Parentes Preocupados entrassem em Jonestown. Ryan deixou claro que iria lá de qualquer maneira e exigiria entrada, com a imprensa registrando tudo e fazendo a Guiana parecer tola e primitiva para o mundo inteiro. Após muitas negociações, Jones concordou relutantemente em permitir que Ryan e alguns outros entrassem. Eles partiram de Georgetown na sexta-feira, 17 de novembro, na companhia de um funcionário da embaixada dos EUA que relatou naquela noite que as coisas estavam indo bem.

seguidores tiveram contato direto com os acontecimentos, Guinn relata sobre o atentado a Leo Ryan dizendo:

Almost immediately after Harris blurted his warning, someone else shouted, "Hit the dirt," but it was too late for that. Aboard the Cessna, Layton yanked out his pistol and began shooting, wounding Vern Gosney and Monica Bagby before Dale Parks wrestled the gun away from him. Parks tried to shoot Layton, but the gun misfired. On the runway, the Jonestown assassins fired volleys of shots from their mixed armaments of rifles and shotguns. Patricia Parks, on the steps of the portable gangplank rigged up to the door of the Otter, was struck in the back of the head, died instantly, and tumbled down onto the cracked tarmac. Ryan, Speier, Harris, Examiner photographer Greg Robinson, Anthony Katsaris, and NBC cameraman Bob Brown and soundman Steve Sung all fell, either dead or grievously wounded. Krause, slightly wounded, played dead beside them. Reiterman, Dwyer, and Beverly Oliver of Concerned Relatives were also hit; they managed to scramble into the brush beside the airstrip. Some of the defectors who'd already boarded the Otter yanked the door shut³⁶. (Guinn, 2018, p. 449).

Isso desencadeou um efeito cascata em que eventos anteriormente falsos criados por Jim Jones se tornaram reais para seus seguidores (Coleridge, 1985). No entanto, eles estavam tão imersos no discurso de seu líder que não conseguiam criar narrativas. Depois de dois anos e seis meses de um discurso sobre um ataque iminente e sem contato com o exterior, para muitos seguidores, isso fazia parte de suas crenças, e a suspensão da descrença já estava profundamente enraizada (Coleridge, 1995).

³⁶ Tradução nossa: Quase imediatamente após Harris ter gritado o aviso, outra pessoa gritou: "Deite-se no chão", mas era tarde demais para isso. A bordo do Cessna, Layton sacou sua pistola e começou a atirar, ferindo Vern Gosney e Monica Bagby antes que Dale Parks conseguisse desarmá-lo. Parks tentou atirar em Layton, mas a arma falhou. Na pista, os assassinos de Jonestown dispararam rajadas de tiros com sua mistura de armas de fogo, incluindo rifles e espingardas. Patricia Parks, nas escadas da passarela portátil instalada na porta da aeronave Otter, foi atingida na parte de trás da cabeça, morrendo instantaneamente e caindo no asfalto rachado. Ryan, Speier, Harris, o fotógrafo do Examiner Greg Robinson, Anthony Katsaris e a equipe da NBC, o cinegrafista Bob Brown e o técnico de som Steve Sung, todos caíram, mortos ou gravemente feridos. Krause, levemente ferido, fingiu estar morto ao lado deles. Reiterman, Dwyer e Beverly Oliver, dos Concerned Relatives, também foram atingidos; eles conseguiram se arrastar até a vegetação ao lado da pista. Alguns dos desertores que já haviam embarcado na aeronave Otter fecharam a porta.

Jones então deu início ao seu suicídio revolucionário, que na verdade se tratou de um grande homicídio, resultando na morte de 918 pessoas em nome de uma única pessoa. Quando os seguidores do Templo receberam o suco, novamente pensaram que poderia ser um novo ensaio da Noite Branca e aceitaram ingeri-lo. Os pais foram instruídos a dar o suco a seus filhos primeiro, e depois de ver a morte deles, ingerir o suco. Quando as mortes começaram a ocorrer, muitos seguidores tentaram fugir, mas eram ameaçados de morte. Tinham que escolher entre beber o suco envenenado ou serem baleados (Guinn, 2018).

Durante todo o processo de assassinato dos seguidores do Templo do Povo, Jim Jones continuou fazendo seus discursos, reforçando suas ideias de que estavam morrendo por uma causa maior, que estavam realizando um grande feito, e que não deveriam reclamar, mas sim morrer com dignidade, McGehee transcreve as falas de Jim Jones da “fita da morte”:

Morram com respeito, morram com dignidade. Não se deitem com lágrimas e agonia. Morrer é apenas entrar em outro avião – não sejam assim. Parem esta histeria. Isto não é a forma como os socialistas e comunistas morrem. Devemos morrer com dignidade. Nós deitamo-nos...ficamos cansados... Não cometemos suicídio, cometemos um ato de suicídio revolucionário em protesto às condições de um mundo desumano. (Jim Jones cit. por McGehee, 2001)

As vítimas de Jim Jones estavam tão imersas em sua realidade que ensaios de suicídio haviam se tornado algo comum para elas. Beber o suco com cianeto sem questionar não era um problema, pois já havia sido feito nas duas vezes anteriores. Para muitas dessas pessoas, um possível ataques era constante, uma ameaça que existia antes mesmo de sua mudança para Jonestown, pois a maioria dos seguidores como antes citado, era formada por grupos marginalizados. Jim Jones era o líder deles, uma figura religiosa que os protegia e cuidava, com supostos poderes de cura e como um intermediário de Deus. Essa era a verdade da suspensão voluntária da crença em que viviam, criada por Jim Jones. Após ver seus seguidores morrerem, ele tirou a própria vida, mas se acreditava em suas narrativas era algo desconhecido.

3. CAPÍTULO III: SUSPENDER PARA (DES)CRER

Apresentamos no capítulo anterior, as duas tentativas e um êxito do suicídio coletivo e assassinato dos seguidores do Templo do Povo, e seu líder Jim Jones, neste capítulo abordaremos a investigação dos movimentos performáticos³⁷ em contextos religiosos extremistas³⁸, explorando dois conceitos que fora apresentado anteriormente: verossimilhança e suspensão voluntária da descrença. Estes conceitos desempenham um papel central na compreensão desses movimentos, desvelando aspectos essenciais relacionados à construção das performances e ao envolvimento dos participantes em experiências de profundo impacto.

A aplicação do conceito de verossimilhança permite uma análise das narrativas desenvolvidas por Jones e como elas pareciam plausíveis aos olhos dos seguidores. Essas narrativas frequentemente se baseavam em elementos religiosos, históricos ou sociais, sendo estruturadas de forma a serem convincentes e congruentes com as crenças e valores dos seguidores. Ao entender como a verossimilhança foi habilmente construída no contexto do Templo do Povo, é possível desvendar os mecanismos pelos quais Jones conquistou a confiança e a adesão de seus seguidores, amplificando a persuasão de suas performances, Lopes diz que:

³⁷ Como afirmam Aguilar e Cámara em "A máquina performática: A literatura no campo experimental," os movimentos performáticos referem-se a ações físicas, gestos e expressões realizados por indivíduos ou grupos como parte de uma performance artística, social ou cultural. Estes movimentos são frequentemente cuidadosamente coreografados ou planejados para transmitir uma mensagem, contar uma história, explorar uma ideia ou provocar uma reação emocional no público. Performances podem ocorrer em uma variedade de contextos, incluindo teatro, dança, música, artes visuais, protestos políticos, rituais religiosos e até mesmo interações cotidianas. A natureza dos movimentos performáticos pode variar amplamente, desde movimentos corporais complexos e altamente treinados até gestos simples e espontâneos. Em essência, os movimentos performáticos são uma forma de expressão humana que transcende as barreiras linguísticas e culturais, permitindo que os artistas se conectem com o público de maneira profunda e significativa.

³⁸ De acordo com Denise dos Santos Rodrigues em seu artigo "O dilema contemporâneo do fundamentalismo: do extremismo à intolerância", os movimentos religiosos extremistas referem-se a grupos religiosos ou organizações que adotam interpretações radicais e muitas vezes violentas de uma fé religiosa. Esses movimentos frequentemente buscam impor suas crenças e práticas de forma coercitiva, muitas vezes recorrendo à violência, terrorismo ou ações extremas para alcançar seus objetivos.

Nos tempos que correm, o verossímil, isto é, aquilo que parece ser verdadeiro, é a tônica do exercício midiático. Não há uma oposição entre o verdadeiro - pode haver mais de uma verdade - e o que parece ser. A verossimilhança é uma construção argumentativa que não é compreensível no diálogo pobre entre as noções de verdades e mentiras. Estas dependem dos interesses e das posições dos sujeitos que as proferem. (Lopes, in “Verossimilhança e poder”, junho - 2005)

A suspensão voluntária da descrença, por sua vez, emerge como um conceito igualmente essencial para uma análise abrangente do movimento de Jim Jones. Este conceito se refere à habilidade das pessoas de temporariamente deixarem de lado suas dúvidas e ceticismo em prol da experiência oferecidas pelo narrador ou experiências religiosas. No contexto do Templo do Povo, Jones cultivou a suspensão da descrença por meio de rituais, doutrinas e manipulação psicológica, levando os participantes a aceitarem eventos e ideias que, em circunstâncias normais, seriam considerados altamente questionáveis, Tolkien discute sobre a suspensão voluntária da descrença ao afirma que:

Esse estado mental tem sido chamado de “suspensão voluntária da incredulidade”. Mas isso não me parece ser uma boa descrição do que acontece. O que acontece de fato é que o criador da narrativa demonstra ser um “subscritado” bem-sucedido. Ele concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é “verdade”: está de acordo com as leis daquele mundo. Portanto, acreditamos enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro. No momento em que surge a incredulidade, o encanto se rompe; a magia, ou melhor a arte, fracassou. Então estamos outra vez no Mundo Primário, olhando de fora o pequeno Mundo Secundário malsucedido. Se formos obrigados a ficar, por benevolência ou circunstância, então a incredulidade precisa ser suspensa (ou abafada), do contrário será intolerável ouvir e olhar. Mas essa suspensão da incredulidade é um substituto da coisa genuína, um subterfúgio que usamos quando nos deixamos levar por uma brincadeira ou um faz-de-conta, ou quando tentamos (mais ou menos voluntariamente) descobrir alguma virtude na obra de arte que fracassou para nós. (Tolkien, 1964)

A justificação para a utilização destes conceitos, considerando o exemplo do Templo do Povo de Jim Jones, e a compreensão da manipulação psicológica empregada por Jones por meio da análise da verossimilhança e da suspensão voluntária da descrença. Além disso, esses conceitos ajudam a responder questões fundamentais, tais como por

que as pessoas aderem a narrativas extremas em movimentos religiosos extremistas. Assim, a análise desses conceitos em contextos como o do Templo do Povo oferece um abrangente campo para a compreensão desses fenômenos e suas implicações em níveis sociais, psicológicos e culturais.

3.1 A SUSPENSÃO DA DESCRENÇA, MAS NÃO DA CRENÇA

Como citado na apresentação do capítulo, nesse tópico apresentaremos a suspensão da descrença, um conceito que remonta à poética de *Biographia Literaria* (1817) de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) e que posteriormente foi incorporado ao campo da teoria literária. A suspensão voluntária da descrença é a capacidade do leitor ou espectador de temporariamente deixar de lado sua descrença e aceitar, pelo menos temporariamente, os elementos fictícios ou improváveis presentes em uma obra de ficção, Holland diz:

Algumas pessoas compreendem isso como uma decisão consciente e deliberada durante a leitura. Eu penso, porém, que nesse contexto, voluntária nada significa além de que estou disposto a pegar o livro, ou ler o poema, ou comprar o ingresso de teatro. Não penso que signifique uma invocação consciente de crença, descrença ou suspensão de descrença. (Holland, 2009, p. 67)

Este conceito, muitas vezes utilizado na análise de obras de ficção e narrativas, suscita a seguinte pergunta: por que falamos em suspensão da descrença e não da crença? Para responder a essa questão, devemos compreender a distinção fundamental entre crença e descrença.

A crença, refere-se ao ato de aceitar algo como verdadeiro ou plausível (Giumbelli, 2011). No contexto da ficção, a crença ocorre quando o leitor ou espectador investe emocionalmente na narrativa, aceitando-a como um mundo possível, mesmo que seja manifestamente fictício. Por outro lado, a descrença é a atitude que questiona, duvida ou nega a veracidade ou a plausibilidade de elementos na narrativa que podem desafiar a lógica ou a realidade percebida.

A razão pela qual nos concentramos na suspensão da descrença é que a literatura e a arte frequentemente desafiam as normas da realidade e da lógica, introduzindo elementos fantasiosos, surrealistas ou improváveis que exigem que os leitores ou espectadores deixem de lado temporariamente suas descrenças habituais (Holland, 2009). A suspensão da descrença, portanto, representa um ato cognitivo³⁹ complexo que envolve a capacidade de engajar-se de forma ativa e colaborativa na criação de significado dentro do contexto da obra de arte. É a capacidade de abrir-se para a experiência imaginativa e aceitar o mundo ficcional proposto, mesmo que isso envolva a aceitação de eventos ou conceitos que, na vida cotidiana, seriam considerados inverossímeis ou impossíveis (Coleridge, 1817; 1985).

Mas embora a suspensão da descrença geralmente seja associada à ficção, ela pode ocorrer em contextos históricos e não ficcionais de várias maneiras. Historiadores muitas vezes precisam interpretar eventos passados com base em evidências limitadas, documentos históricos, testemunhos e vestígios arqueológicos. Os leitores e estudiosos precisam suspender sua descrença e confiar na competência e objetividade dos historiadores ao aceitar suas interpretações dos eventos passados, Barros afirma que:

A história distingue-se de todas as outras ciências por ser também uma arte. A história é uma ciência ao coletar, buscar, investigar; ela é uma arte porque recria e retrata aquilo que encontrou e reconheceu. Outras ciências satisfazem-se simplesmente registrando o que foi encontrado; a história requer a habilidade para recriar. Como ciência, a história é parecida com a filosofia; e como arte, com a poesia. A diferença é que, de acordo com suas naturezas, filosofia e poesia lidam com o reino do ideal, enquanto a história deve ater-se à realidade. (Barros, 2013)

Quando os historiadores escrevem narrativas históricas, eles muitas vezes adotam técnicas de contação de histórias para torná-las mais envolvente. Isso pode envolver a criação de personagens históricos ou a elaboração de diálogos com base em fontes limitadas. Bentivoglio (2010) aponta que os leitores precisam suspender sua descrença

³⁹ Segundo Heber Maia em seu livro "Neurociências e Desenvolvimento Cognitivo", um "ato cognitivo" abrange uma ampla gama de processos mentais e atividades intelectuais que incluem percepção, compreensão, raciocínio, julgamento, memória e outras funções relacionadas ao pensamento. Esses atos cognitivos podem variar desde tarefas simples, como o reconhecimento de objetos, até atividades complexas, como a resolução de problemas matemáticos ou a tomada de decisões cruciais.

em relação a alguns elementos da narrativa para apreciar a história como um todo, Bentivoglio aponta que:

Os historiadores precisariam, para Ranke, de três virtudes cardeais: o bom senso, a coragem e a honestidade. A primeira é necessária para captar as coisas importantes, a segunda para não se furtar de dizer sempre a verdade e a última para evitar o autoengano. Ou seja, através da narrativa consubstanciavam-se a história e sua possibilidade de compreensão. (Bentivoglio, 2010, p. 200)

Em documentários e reconstruções históricas, como programas de televisão ou museus, a suspensão da descrença é fundamental. Por exemplo, em um documentário sobre a vida em uma civilização antiga, os espectadores precisam aceitar as recriações visuais e sonoras da vida daquele período, mesmo que elas sejam baseadas em suposições e pesquisas (White, 2011)

Muitas vezes, as fontes históricas são incompletas, tendenciosas ou ambíguas. Historiadores e leitores precisam suspender sua descrença e trabalhar com as informações disponíveis, preenchendo lacunas com base em evidências indiretas e análise crítica (White, 2011). Memórias pessoais, diários e relatos de testemunhas oculares podem ser emocionantes e impactantes, mas os leitores também precisam suspender sua descrença e considerar a subjetividade, a falibilidade da memória e os vieses pessoais que podem estar presentes nessas narrativas.

A suspensão da descrença envolve a disposição de aceitar as representações e interpretações dos eventos passados feitas por historiadores, mesmo quando essas representações podem não ser totalmente precisas ou abrangentes. White (2011) afirma que a construção narrativa é uma parte fundamental do processo de estudar e compreender a história. No entanto, é importante que os historiadores e os leitores mantenham um senso crítico e questionador ao abordar qualquer narrativa e busquem evidências sólidas sempre que possível.

Examinaremos a natureza da suspensão da descrença, suas implicações para a ficção e história e como ela transcende a divisão entre crença e descrença. Para ilustrar essa dinâmica, consideraremos o exemplo trágico do Templo do Povo liderado por Jim Jones, apresentado nos capítulos anteriores, um caso em que a suspensão da descrença alcançou níveis extremos, levando a consequências profundamente devastadoras e demonstrando os extremos a que a crença e a descrença podem ser levadas em contextos sectários e cultos.

3.1.1 A CRENÇA E A DESCRENÇA

No tópico anterior abordamos o porquê da suspensão da descrença e não crença, isso também envolve a distinção entre crença e descrença que pode constituir um elemento fundamental na análise de fenômenos sociorreligiosos⁴⁰, sendo particularmente relevante quando se explora o contexto de cultos e seitas. Estas organizações, caracterizadas por sistemas de crenças e práticas que frequentemente divergem substancialmente das normas religiosas e sociais convencionais, proporcionam um cenário propício para examinar as complexidades inerentes à crença e à descrença.

No âmbito acadêmico, a crença (Kneale 2016) é frequentemente definida como a aceitação voluntária e ativa de uma determinada visão de mundo, doutrina religiosa ou ideologia, geralmente acompanhada por um compromisso emocional e comportamental. Por outro lado, a descrença é caracterizada pela rejeição ou dúvida em relação a tais sistemas de crenças, muitas vezes manifestando-se por meio de uma postura crítica, cética ou negativa.

Dentro do contexto de cultos e seitas, essas distinções tornam-se particularmente relevantes. Membros de tais grupos podem abraçar crenças extraordinárias⁴¹, líderes carismáticos, como Jim Jones, ou práticas ritualísticas incomuns, demonstrando uma crença fervorosa que transcende as normas convencionais, como a White Night (Montell, 2021). No entanto, essa crença muitas vezes coexiste com uma descrença generalizada por parte da sociedade em relação às mesmas crenças sectárias.

⁴⁰ O tema sociorreligioso, especificamente o messianismo e o milenarismo, constitui um campo de estudo na história. O livro "Messianismo e Milenarismo no Brasil," de João Baptista Borges Pereira e Renato da Silva Queiroz, oferece uma análise abrangente desses fenômenos, explorando suas raízes históricas, manifestações culturais e impacto social ao longo do tempo. Através da sua obra os autores abordam os movimentos messiânicos e milenaristas no Brasil, os autores revelam a interseção complexa entre religião, política e sociedade.

⁴¹ O conceito "crenças extraordinárias" refere-se a convicções, ideias ou afirmações que estão fora do âmbito das crenças amplamente aceitas e que muitas vezes desafiam a explicação lógica ou científica. Tais crenças podem abranger uma ampla gama de tópicos, desde fenômenos paranormais e pseudocientíficos até teorias de conspiração e mitos culturais. Esse conceito foi aprofundado pelo autor Peter Lamont em sua obra "Crenças extraordinárias: Uma abordagem histórica de um problema psicológico"

A dinâmica complexa entre crença e descrença em contextos de cultos e seitas, examinando como indivíduos podem suspender temporariamente sua descrença em favor da adoção das crenças do grupo. Além disso, procura compreender como essas crenças podem influenciar a identidade, o comportamento e a tomada de decisões dos membros, ao mesmo tempo em que muitas vezes desafiam as normas e as expectativas da sociedade em geral. A compreensão das interações complexas entre indivíduos e sistemas de crenças marginais⁴² e pouco convencionais, contribuindo para um entendimento desses fenômenos sociorreligiosos (Lamont, 2017)

Dentro de seitas, a crença muitas vezes assume uma forma intensa e comprometida. Os membros desses grupos podem abraçar fervorosamente as crenças e doutrinas que lhes são apresentadas, demonstrando muita devoção e compromisso emocional. Essa crença extrema é frequentemente sustentada por uma série de fatores internos e externos, Guinn destaca os milagres de Jones e a crenças dos seus seguidores, ele diz:

[...] “The Most Miraculous Spiritual Healing Ministry in the Land Today! Rev. Jones often calls scores of people from the audience who are healed of all manner of diseases! THE BLIND SEE! THE DEAF HEAR! THE CRIPPLES WALK!” Beyond the healings, there would also be a sermon by Reverend Jones: “HEAR HIS URGENT LIBERATION MESSAGE FOR THESE TROUBLED TIMES!” Finally, there was the promise of being in the presence of divinity: “SEE THE MIRACLES, SIGNS & WONDERS That God Is Manifesting Through REV. JIM JONES!” A flattering photograph of Jones dominated the upper portion of the flyer. In smaller print, physicians testified that Jones’s cures “are genuine and permanent.” Peoples Temple was always presented as a national rather than West Coast church. Its advance materials routinely claimed congregations in seventeen cities, including “missionary outposts in Mexico and Africa.” Admission to its events was free, but there

⁴² As "crenças marginais" se referem a sistemas de crenças, ideias ou perspectivas que estão à margem ou fora do mainstream cultural ou social de uma determinada sociedade. Essas crenças muitas vezes contrastam com as normas, valores e tradições amplamente aceitos e podem ser vistas como heterodoxas, controversas ou não convencionais. O estudo das crenças marginais e diversidade de perspectivas culturais e subculturas, serve para analisar as dinâmicas de poder e marginalização que podem ocorrer quando essas crenças entram em conflito com as normas dominantes. Os autores Ângela Borges e Flávio Serna discutem sobre os tópicos das religiões e crenças marginais em seu artigo publicado pela PUC-MG “Epistemologias marginais: Ciências da Religião em perspectiva descolonizadora e intercultural”

would be an opportunity to purchase “miracle” photographs of Reverend Jones for \$5 each⁴³. (Guinn, 2018, p. 2010)

Muitas seitas são lideradas por figuras carismáticas que exercem grande influência sobre seus seguidores, Jim criou uma imagem messiânica a sua volta, através de sua narrativa de cura e milagres. A habilidade de persuasão e magnetismo pessoal⁴⁴ dos líderes pode levar os membros a acreditar firmemente em suas visões e diretrizes. A segregação dos membros da seita da sociedade em geral pode reforçar a crença, como o isolamento em uma comuna, onde o acesso era restrito (Guinn, 2018). O isolamento social pode criar um ambiente no qual as crenças do grupo são constantemente reafirmadas, tornando mais difícil para os membros questioná-las (Montell, 2021).

Os líderes realizam a coerção psicológica⁴⁵, em muitas seitas empregam técnicas de manipulação psicológica que enfraquecem a descrença e fortalecem a crença. Isso pode

⁴³ Tradução nossa: "O Ministério de Cura Espiritual Mais Milagroso da Terra Hoje! O Rev. Jones frequentemente chama dezenas de pessoas da plateia que são curadas de todas as maneiras de doenças! OS CEGOS VEEM! OS SURDOS OUVEM! OS COXOS ANDAM!" Além das curas, haveria também um sermão do Reverendo Jones: "OUÇA A MENSAGEM URGENTE DE LIBERTAÇÃO PARA ESTES TEMPOS TROUBLED!" Finalmente, havia a promessa de estar na presença da divindade: "VEJA OS MILAGRES, SINAIS E MARAVILHAS que Deus está manifestando através do REV. JIM JONES!" Uma fotografia lisonjeira de Jones dominava a parte superior do folheto. Em letras menores, médicos testemunhavam que as curas de Jones "são genuínas e permanentes". O Templo do Povo sempre era apresentado como uma igreja nacional, em vez de apenas da Costa Oeste. Seus materiais de divulgação rotineiramente afirmavam que havia congregações em dezessete cidades, incluindo "postos missionários no México e na África". A entrada para seus eventos era gratuita, mas havia a oportunidade de comprar fotografias "milagrosas" do Reverendo Jones por US\$ 5 cada."

⁴⁴ Dale Carnegie, autor de "Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas," explorou a importância do magnetismo pessoal em suas obras. "O magnetismo pessoal" é frequentemente usado para descrever a capacidade de uma pessoa de atrair e influenciar os outros devido à sua personalidade cativante, carisma ou presença magnética. Embora não seja um termo científico estrito, é comumente empregado para expressar a influência que indivíduos carismáticos têm sobre aqueles ao seu redor. Este conceito é discutido em contextos relacionados ao desenvolvimento pessoal e interpessoal.

⁴⁵ A 'coerção psicológica' é um conceito que descreve táticas e estratégias utilizadas para manipular, controlar ou influenciar o pensamento, o comportamento ou as emoções de um indivíduo, muitas vezes por meio de pressão psicológica sutil ou subversiva. Essas táticas podem incluir manipulação emocional, chantagem emocional, isolamento social, intimidação psicológica e outras formas de influência que visam minar a autonomia e a liberdade de uma pessoa. A coerção psicológica pode ocorrer em várias

incluir táticas de lavagem cerebral, condicionamento e pressões psicológicas sutis. A necessidade de pertencer a um grupo e encontrar significado na vida pode levar os indivíduos a aderirem firmemente às crenças da seita (Mcdowell, 1996). A identidade do grupo pode se tornar fortemente vinculada às crenças, como no caso do Templo do Povo, em que sua maioria os seguidores eram negros ou em situações de vulnerabilidade social.

Dentro da seita, a adesão às crenças pode ser recompensada com elogios, aceitação e status, um líder que lutava pelos fins da segregação racial americana resplandeceu e manipulou um grupo social que não era bem-visto, a comunidade negra se sentia acolhida por Jim Jones (Guinn, 2018). Enquanto a descrença pode resultar em punições, ostracismo ou perda de privilégios.

Mas a descrença entre em contraponto, quando muitos membros de seitas trazem consigo crenças e valores prévios que entram em conflito com as crenças da seita. A descrença pode surgir quando esses indivíduos confrontam doutrinas que contradizem suas convicções anteriores. Alguns membros podem desenvolver dúvidas ou questionamentos em relação às crenças da seita à medida que ganham mais familiaridade com o grupo. Isso pode ser resultado de exposição a informações externas, conversas com pessoas de fora ou reflexão interna (Montell, 2021).

A descrença pode ser reprimida dentro do grupo devido a pressões sociais e psicológicas, como o medo de retaliação, ostracismo ou perda de identidade. No entanto, essa descrença ainda pode persistir internamente. Eventos ou experiências negativas dentro da seita, como abusos ou decepções, podem levar à descrença, os seguidores de Jim Jones ao sofrerem fortes abusos na Califórnia, abandonaram o Templo quando sua sede se mudou para Guiana (Guinn, 2018). Essas experiências podem minar a confiança dos membros nas lideranças e doutrinas do grupo. Às vezes, a exposição a informações externas que contradizem as crenças da seita pode levar à não suspensão da descrença. Isso pode ocorrer por meio de familiares ou amigos que apresentam perspectivas diferentes ou pela pesquisa independente do membro (Montell, 2021).

A crença e descrença em seitas muitas vezes é um processo gradual e complexo, pois os membros podem se encontrar divididos entre sua lealdade ao grupo, suas dúvidas pessoais e sua fé. Sendo assim, o conceito de suspensão da descrença, nada mais é do que a ausência da descrença e a crença em fatores considerados irrealis. Em um livro,

configurações, incluindo relacionamentos pessoais, ambiente de trabalho, grupos religiosos ou políticos, e até mesmo em situações de abuso doméstico" (Sidman, 2001)

suspender a descrença é um ato temporário, a crença em um mundo de fantasia ocorre apenas durante a leitura. Em relação à suspensão da descrença em seitas, é um ato que influencia diretamente na realidade do receptor, a crença se torna real para o indivíduo, pois o livro não terminou de ser lido, sendo o livro a vida do próprio seguidor.

3.1.2 AS VÁRIAS SUSPENSÕES

No tópico anterior abordamos a relação da crença e descrença, neste tópico iremos compreender a suspensão da descrença, quando considerada no contexto de seitas e cultos. Este conceito, como antes citado, descreve a capacidade de indivíduos temporariamente deixarem de lado suas dúvidas e ceticismo em relação às crenças e práticas do grupo, mesmo quando essas crenças podem ser extraordinárias, irracionais ou divergentes das normas culturais convencionais. Coleridge (1985) propõem poemas que buscam uma verossimilhança sobrenatural, ao qual o leitor praticaria a suspensão da descrença para a aceitação dos seus poemas, prática essa que pode ser aplicada além dos conceitos literários, Coleridge diz:

The thought suggested itself — (to which of us I do not recollect) — that a series of poems might be composed of two sorts. In the one, the incidents and agents were to be, in part at least, supernatural; and the excellence aimed at was to consist in the interesting of the affections by the dramatic truth of such emotions, as would naturally accompany such situations, supposing them real. And real in this sense they have been to every human being who, from whatever source of delusion, has at any time believed himself under supernatural agency. Traduzir.⁴⁶ (Coleridge, 1817; 1985, p. 314)

Os membros, em busca de pertencimento ou significado, aceitam as crenças e práticas da seita sob condições específicas, muitas vezes associadas a um processo de

⁴⁶ Tradução nossa: “O pensamento surgiu — (não recordo qual de nós o teve) — de que uma série de poemas poderia ser composta de dois tipos. Em um deles, os incidentes e agentes deveriam ser, pelo menos em parte, sobrenaturais; e a excelência almejada consistia em despertar o interesse dos afetos por meio da verdade dramática de emoções que naturalmente acompanhariam tais situações, supondo-as reais. E, nesse sentido, foram reais para todo ser humano que, de qualquer fonte de ilusão, em algum momento acreditou estar sob influência sobrenatural.”

socialização gradual⁴⁷. Isso pode incluir a aceitação da liderança do grupo, a internalização de narrativas míticas⁴⁸ ou a participação em rituais elaborados.

A suspensão da descrença é frequentemente sustentada pelo ambiente social dentro do grupo. A comunidade de seguidores serve como um reforço constante, encorajando a adesão às crenças do grupo e desencorajando qualquer forma de questionamento ou descrença. Em alguns casos, a suspensão da descrença é alcançada ou reforçada por meio de técnicas de coerção e manipulação psicológica, incluindo a lavagem cerebral, a pressão emocional e a recompensa seletiva (Montell, 2021). Isso pode tornar mais difícil para os membros expressarem dúvidas ou descrença.

A fim de manter a suspensão da descrença, os membros frequentemente desenvolvem mecanismos de reinterpretação cognitiva. Isso significa reinterpretar eventos, evidências ou contradições de maneira a apoiar as crenças do grupo, mesmo quando esses elementos podem sugerir o contrário. A suspensão da descrença pode gerar conflito interno nos membros, à medida que eles tentam reconciliar suas crenças prévias com as novas crenças impostas pelo grupo, esses aspectos podem ser interpretados, através dos estudos de Coleridge, que diz:

O poeta não nos pede que estejamos acordados e acreditemos, ele nos pede apenas que nos entreguemos a um sonho; e isso com os olhos abertos, e com a capacidade de julgamento oculta atrás das cortinas, pronta para nos acordar ao primeiro sinal de nossa vontade: e, nesse meio tempo, apenas, que não desacreditemos (Coleridge, 1995).

⁴⁷ De acordo com Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade, a "socialização gradual" é definida como um processo pelo qual os indivíduos, principalmente crianças e jovens, adquirem habilidades sociais, normas culturais e valores ao longo do tempo, através de interações progressivas e experiências sociais. Este conceito destaca a importância do desenvolvimento gradual das habilidades sociais e da compreensão das dinâmicas sociais, permitindo que os indivíduos se integrem à sociedade de forma eficaz.

⁴⁸ De acordo com Joseph Campbell em "O Herói de Mil Faces," as "narrativas míticas" referem-se a histórias ou relatos que fazem parte do folclore, mitologia ou tradições culturais de uma sociedade. Essas narrativas frequentemente envolvem elementos sobrenaturais, deuses, heróis e eventos extraordinários, e são transmitidas oralmente ou por meio de textos ao longo das gerações. As narrativas míticas desempenham um papel significativo na construção da identidade cultural, na transmissão de valores e crenças, e na exploração de questões fundamentais sobre a natureza humana e o cosmos. Elas podem variar consideravelmente de cultura para cultura, mas compartilham a característica de fornecer explicações simbólicas e significativas para eventos e fenômenos importantes.

Compreender a suspensão da descrença em seitas e cultos é essencial para a análise desses grupos, pois revela a notável adaptabilidade da psicologia humana⁴⁹ em relação a crenças e práticas extraordinárias⁵⁰. As estratégias utilizadas pelas lideranças desses grupos para atrair, reter e influenciar os membros, muitas vezes levando-os a adotar ideologias que, sob outras circunstâncias, seriam prontamente rejeitadas. As seitas, frequentemente caracterizadas por crenças e práticas que se desviam significativamente das normas sociais e religiosas convencionais, desafiam a compreensão convencional da crença e da descrença, bem como a linha tênue entre elas (Mcdowell, 1996).

3.1.2.1 SUSPENSÃO DA DESCRENÇA EM SEITAS

Ao introduzirmos no tópico anterior a suspensão da descrença e como pode ser utilizada em seitas e seguimentos religiosos, neste tópico compreenderemos como a suspensão da descrença pode representar um fenômeno cognitivo. A suspensão da descrença é essencial para a atração de novos membros, pois permite que essas pessoas superem as barreiras lógicas e culturais e considerem seriamente as perspectivas oferecidas pela seita, Burwick, 2012, p. 199 diz que no ato de ilusão, nós percebemos que estamos sendo enganados e somos capazes de analisar os efeitos da ilusão sobre nós; em um

⁴⁹ Bauman em sua obra "Modernidade Líquida" discute a adaptabilidade da psicologia humana, referindo-se à capacidade dos indivíduos de se ajustarem, aprenderem e responderem a novas situações e desafios em suas vidas. Este conceito fundamental na psicologia ressalta a flexibilidade e a capacidade de mudança do comportamento, das emoções e dos processos cognitivos humanos em resposta a diferentes contextos e demandas, a adaptabilidade desempenha um papel na pesquisa psicológica, na terapia, na educação e em várias outras áreas, uma vez que ajuda a explicar como os seres humanos enfrentam adversidades, superam obstáculos e se desenvolvem ao longo do tempo.

⁵⁰ No livro "Os Milagres" por C. S. Lewis, o autor cristão explora o conceito de milagres e práticas extraordinárias dentro do contexto religioso. Lewis aborda como os milagres, frequentemente considerados eventos sobrenaturais que transcendem as leis naturais, desempenham um papel crucial nas crenças e tradições religiosas. Os milagres são exemplos notáveis de "práticas extraordinárias", que se referem a atividades, rituais ou ações que se destacam pelo seu caráter incomum, excepcional ou sobrenatural. Essas práticas muitas vezes envolvem elementos que transcendem as normas culturais, religiosas ou sociais convencionais de uma sociedade. Exemplos de práticas extraordinárias podem incluir fenômenos místicos, rituais de cura incomuns, feitos sobrenaturais ou eventos inexplicáveis.

estado passivo de desilusão, sequer temos consciência de que estamos sendo enganados, Burwick aponta que:

“Suspender a descrença” não significa que suspendemos o arbítrio; pelo contrário, significa que o arbítrio conscientemente age em não se engajar em suas tarefas usuais de comparar e julgar. Uma vez que a mente escolhe não desacreditar, isso prepara o caminho para engajar, até mesmo antecipar, ideias e impressões em termos de um ato deliberado de fé.28 (Burwick, 2005; p. 222)

A suspensão da descrença em seitas geralmente não ocorre de forma abrupta, mas sim como um processo gradual. Os líderes das seitas, como Jim Jones, frequentemente utilizam técnicas de manipulação psicológica e social para gradualmente enfraquecer a descrença dos seguidores em relação às crenças convencionais e, ao mesmo tempo, fortalecer a aceitação das crenças da seita (Mcdowell, 1996).

A suspensão da descrença muitas vezes requer que os seguidores deixem de lado ou contradigam suas crenças e valores anteriores. Isso pode ser desafiador, uma vez que os indivíduos podem se encontrar em conflito interno, tendo que reconciliar suas crenças prévias com as novas crenças impostas pela seita. Esse conflito pode ser uma fonte de angústia, mas também pode ser superado em busca de pertencimento ao grupo, Burwick diz que:

Presume-se que o espectador experiencie um antagonismo entre o que ele sabe (consciência racional da peça como uma representação teatral) e o que ele sente (resposta emocional simpática à ação dramática). Nenhuma vacilação, no entanto, é presumida aqui; o sentimento de realidade, embora não seja persistente (ele "frequentemente" ocorre), não é afirmado como usurpar ou substituir o conhecimento oposto. (Burwick, 1991; p. 205),

A suspensão da descrença é frequentemente reforçada pelo ambiente social dentro da seita. Aqueles que já suspenderam suas descrenças podem servir como modelos para os recém-chegados, encorajando-os a adotar as crenças e práticas da seita. O desejo de pertencimento a um grupo social muitas vezes supera a descrença individual. Jim, desde a sua infância, utilizava desse discurso ao realizar os seus rituais de pregação. Envolvido em um sentimento de abandono maternal, muitos dos seus vizinhos prestavam atenção nele por sua condição fragilizada. Jim, na sua fase adulta, utiliza de uma maneira reversa

o mesmo discurso, mas agora ele sendo o ouvinte dos "fragilizados", moldando a realidade desses com a sua.

Em síntese, a suspensão da descrença nas seitas é um fenômeno que demonstra a notável adaptabilidade da psicologia humana em relação a crenças e práticas extraordinárias (Bauman, 2021). Ela é essencial para a compreensão de como as seitas conseguem atrair e reter seguidores, levando-os a abraçar ideologias que, sob outras circunstâncias, seriam prontamente descartadas.

3.1.2.2 CRENÇA EXTREMA E INTENSA

Como analisamos anteriormente a suspensão voluntária da descrença e sua aplicação dentro das seitas, podemos destacar a intensidade e extremidade da crença nesses contextos de fenômeno sectário. Este fenômeno se manifesta quando os membros de um grupo aderem a convicções, líderes carismáticos ou doutrinas que frequentemente destoam consideravelmente das normas sociais e das crenças aceitas pela sociedade em geral. Esta dinâmica ilustra a profunda capacidade da crença sectária em transcender os limites da descrença convencional, impulsionando os indivíduos a se comprometerem profundamente com a ideologia e práticas da seita.

Em seitas, a crença não é apenas uma aceitação superficial ou casual de ideias; é caracterizada pela profundidade da convicção. Os membros frequentemente mantêm uma fé inabalável em suas crenças, demonstrando muito comprometimento e dedicação à causa da seita. Isso sugere que a crença sectária tem uma intensidade emocional que supera em muito as crenças cotidianas (Kneale, 2016)

Os líderes carismáticos como Jim Jones, desempenham um papel fundamental na promoção e manutenção da crença extrema e intensa nas seitas. Sua habilidade de persuasão, magnetismo pessoal e carisma frequentemente cativam os seguidores, levando-os a confiar e acreditar profundamente nas diretrizes e visões propostas pelo líder, ao analisarmos os poemas de Coleridge (1817), o poeta deve construir uma realidade que seja aceitável aos seus leitores, no caso do Templo do Povo, os seguidores, botemos observar através das análises de Coleridge, que diz:

Com essa propensão, tão profundamente enraizada em nossa natureza, um verdadeiro poeta pode construir uma probabilidade dramática específica, se todo o seu trabalho estiver em harmonia: uma probabilidade dramática suficiente para proporcionar prazer dramático, mesmo quando os personagens e incidentes componentes beiram a impossibilidade. (Coleridge, 1817; 1985, p. 459)

Em muitos casos, a crença extrema pode ser reforçada por meio de técnicas de coerção e manipulação psicológica. Os líderes das seitas podem empregar estratégias que visam diminuir a descrença e aumentar a devoção dos membros, resultando em uma aderência ainda mais intensa às crenças sectárias. A crença extrema e intensa em seitas representa um fenômeno de convicção profundamente arraigada que transcende as limitações da descrença convencional. Essa intensidade é frequentemente associada a uma notável divergência em relação às normas sociais predominantes, impulsionando os membros a abraçarem a ideologia da seita (Kneale, 2016).

3.1.3 A PERFORMANCE DA (DES)CRENÇA

Analisamos nos tópicos anteriores como a suspensão da descrença pode estar inserida dentro do contexto sectário, essa análise da suspensão da descrença no contexto de seitas e cultos revela a complexa relação entre crença e descrença nos fenômenos socioreligiosos. A capacidade das pessoas em temporariamente deixar de lado suas dúvidas e aceitar crenças extraordinárias destaca a notável adaptabilidade da psicologia humana. Esse fenômeno lança um olhar sobre porque indivíduos aparentemente racionais podem se envolver profundamente em seitas, e expõe as estratégias de persuasão e manipulação empregadas pelas lideranças desses grupos.

É importante reconhecer que essa suspensão da descrença não ocorre em isolamento, mas sim dentro de um contexto mais amplo de práticas culturais. Seitas e cultos frequentemente desenvolvem narrativas, rituais e cenários destinados a envolver emocionalmente os membros e tornar as crenças do grupo mais plausíveis (Montell,

2021). Essas práticas culturais, como manifestações musicais, cerimônias ritualísticas⁵¹, interações grupais e o uso de uma linguagem específica, desempenham um papel na construção e perpetuação da crença. Além disso, esses rituais e performances culturais não apenas fortalecem a crença, mas também reforçam a coesão do grupo.

Portanto, a análise da suspensão da descrença em seitas e cultos não apenas nos permite explorar a psicologia individual e as dinâmicas de grupo, mas também enfatiza que a crença e a descrença estão profundamente enraizadas em contextos culturais e sociais mais amplos. Elas são parte integrante de uma performance cultural complexa que influencia não apenas as crenças individuais, mas também a coesão e a identidade do grupo.

No caso da Seita do Templo do Povo de Jim Jones, exemplifica dramaticamente as consequências extremas da suspensão da descrença em um líder carismático e as dinâmicas de poder que podem emergir em tais grupos. A tragédia de Jonestown, onde centenas de seguidores morreram em um suicídio coletivo, é um exemplo extremo de como a suspensão da descrença pode ser explorada e abusada por líderes de seitas para alcançar seus objetivos.

Esta abordagem permite a investigação profunda das oscilações da crença coletiva e individual, particularmente evidentes em contextos religiosos sectários. O exame da capacidade humana de temporariamente suprimir dúvidas e aderir a crenças extraordinárias revela nuances das interações sociais (Burwick, 2005), bem como da influência exercida por líderes carismáticos.

Ao adentrar a esfera da suspensão da descrença no estudo histórico, torna-se claro que esta não é uma mera manifestação individual, mas um fenômeno intrincadamente relacionado a aspectos culturais, sociais e psicológicos mais abrangentes. A análise historiográfica ressalta como sistemas de crença, muitas vezes associados a seitas e cultos,

⁵¹ No livro "Ritos de Passagem" por Arnold van Gennep, o autor explora a importância das "cerimônias ritualísticas". Essas cerimônias referem-se a práticas formais e simbólicas que envolvem a execução de rituais ou cerimônias específicas dentro de contextos culturais, religiosos, espirituais ou sociais. Muitas vezes, essas cerimônias seguem procedimentos estabelecidos e tradicionais, frequentemente envolvendo símbolos, gestos, palavras ou ações com significados profundos. As cerimônias ritualísticas são comuns em diversas culturas e podem servir a uma variedade de propósitos, incluindo a celebração de eventos importantes, a expressão de devoção religiosa, a marcação de transições na vida humana e a busca de significado espiritual.

são moldados e perpetuados por meio de práticas culturais, narrativas, rituais e interações grupais, White discute que:

Três tipos de estratégias que podem ser usadas pelos historiadores para alcançar diferentes tipos de "impressão explicativa". Chamo, a essas estratégias, explicação por argumentação formal, explicação por elaboração de enredo* e explicação por implicação ideológica. Dentro de cada uma dessas diferentes estratégias identifico quatro possíveis modos de articulação pelos quais pode o historiador alcançar uma impressão explicativa de tipo específico. Para os argumentos há os modos do fordismo, do organicismo, do mecanicismo e do contextualíssimo; para as elaborações de enredo há os arquétipos da estória romanesca**, da comédia, da tragédia e da sátira; e para a implicação ideológica há as táticas do anarquismo, do conservantismo, do radicalismo e do liberalismo. Uma combinação específica de modos constitui o que chamo de "estilo" historiográfico de determinado historiador ou filósofo da história. (White, 1995, p. 12)

White reforça os métodos de construções históricas e investigações que podem ser adotadas por historiadores, e por conseguinte, a suspensão da descrença no contexto histórico não só proporciona uma visão mais profunda das dimensões sociorreligiosas, mas também enfatiza como a crença e a descrença estão imbricadas em uma rede de fenômenos culturais e sociais. Elas não podem ser desvinculadas dos contextos em que se manifestam, o que sublinha a importância de abordagens multidisciplinares e sensíveis ao investigar a interação complexa entre crença, descrença e cultura em contextos sociorreligiosos complexos.

Embora frequentemente associada a contextos religiosos e históricos, também desempenha um papel significativo em outras esferas da vida humana, como a política e a economia. No âmbito político, por exemplo, indivíduos muitas vezes suspendem sua descrença ao apoiar políticos ou acreditar em promessas políticas extraordinárias, mesmo quando essas promessas podem parecer improváveis (Coleridge, 1995). Isso pode levar a movimentos políticos fervorosos e à aceitação de ideias que desafiam as normas convencionais. Além disso, na economia, a suspensão da descrença pode estar presente quando investidores confiam em mercados financeiros instáveis ou em esquemas de enriquecimento rápido, mesmo quando a lógica financeira e as evidências sugerem o contrário.

Em relação à temporalidade⁵², a suspensão da descrença pode se manifestar quando as pessoas projetam suas esperanças e crenças em um futuro utópico ou em uma era de mudança radical, como ocorreu em movimentos milenaristas ao longo da história. Além disso, na esfera da psicologia, a suspensão da descrença está relacionada à capacidade humana de aceitar temporariamente a realidade de mundos fictícios, como em jogos de videogame, filmes e literatura, o que demonstra a versatilidade da mente humana em adaptar-se a contextos diversos. Em todos esses contextos, a suspensão da descrença desafia as fronteiras entre a realidade e a ficção, desdobrando a complexa interação entre crença e descrença em várias dimensões da experiência humana (Burwick, 2005).

3.2 VEROSSIMIL

Nos tópicos anteriores estabelecemos o conceito de suspensão voluntária da descrença aplica em cultos, como o Templo do Povo. Neste tópico, abordaremos a verossimilhança que se refere à aparência de verdade ou plausibilidade presente em uma narrativa, evento ou representação, algo é verossímil quando parece crível ou possível dentro do contexto da história, mesmo que seja fictício ou improvável na realidade, sendo necessário entender a suspensão da descrença, abordar a verossimilhança. Em estudos de seitas e cultos, com o Templo do Povo, permite uma análise crítica das estratégias persuasivas empregadas pelos líderes dessas organizações, bem como da adesão dos seguidores às suas doutrinas. A verossimilhança, neste contexto, diz respeito à capacidade

⁵² O conceito "temporalidade" refere-se à qualidade ou característica do tempo, incluindo sua natureza, duração e percepção. Na filosofia, a temporalidade é frequentemente explorada como uma dimensão fundamental da experiência humana, com debates sobre como percebemos e compreendemos a passagem do tempo. O autor Reinhart Koselleck, explora como as mudanças na linguagem e no conceito de tempo ao longo da história influenciam nossa compreensão do passado. Koselleck destaca a importância da "temporalidade histórica" como uma abordagem fundamental no estudo da história. Essa abordagem examina como os eventos, mudanças e desenvolvimentos históricos ocorrem ao longo do tempo e como as sociedades humanas percebem e interpretam essas mudanças temporais. A temporalidade histórica desempenha um papel na pesquisa histórica, permitindo que historiadores e acadêmicos explorem não apenas o que aconteceu no passado, mas também como o tempo afetou esses eventos e como as pessoas da época entenderam e lidaram com essas transformações temporais. É um conceito fundamental para a narrativa histórica e a contextualização dos eventos ao longo das eras.

de os líderes dessas seitas construírem narrativas e crenças que parecem plausíveis e coerentes aos olhos de seus adeptos, apesar de frequentemente serem fundamentadas em ideias e práticas altamente questionáveis. D'Onofrio aponta as casualidades da interpretação da verdade:

A obra de arte, por não ser relacionada diretamente com um referente do mundo exterior, não é verdadeira, mas possui a equivalência da verdade, a verossimilhança, que é característica indicadora do poder ser e do poder acontecer. (D'onofrio; 1995, p. 21)

No caso do Templo do Povo, a verossimilhança pode ser observada na maneira como Jim Jones conseguiu conquistar a confiança e a devoção de seus seguidores. Ele apresentou uma narrativa que apelava a aspirações e preocupações legítimas de seus seguidores, como a busca por justiça social e igualdade. A promessa de uma comunidade utópica, onde todas as desigualdades seriam eliminadas, ressoou com aqueles que compartilhavam essas preocupações. Portanto, a verossimilhança reside na capacidade de Jones de fazer suas ideias parecerem coerentes com os anseios de seus seguidores, Aristóteles destaca que:

De acordo com o carácter pessoal do orador, quando o seu discurso é relatado de tal forma que nos leva a pensar que é verdade; a persuasão entra na psique dos ouvintes quando o discurso do orador estimula as suas emoções; a persuasão é o discurso em si, quando se pretende provar uma verdade ou suposta verdade através de argumentos eloquentes (Aristotle e Freese, 1926, p. 17).

Outro aspecto da verossimilhança no contexto do seitas está relacionado à criação de uma ilusão de coerência interna nas crenças e práticas do culto. Jones conseguiu articular sua ideologia de maneira que parecesse lógica e consistente para seus seguidores, mesmo que envolvesse elementos extremamente controversos (D'onofrio, 1995), como o suicídio em massa. Isso demonstra como a verossimilhança pode ser usada para criar uma aparente harmonia entre as crenças do líder e a realidade percebida pelos seguidores.

Na História e historiografia, a verossimilhança desempenha um papel crítico na avaliação da credibilidade e na análise da representação histórica. A verossimilhança histórica diz respeito à capacidade de uma narrativa histórica ou representação do passado

parecer plausível e convincente através das evidências disponíveis e do contexto histórico em questão (Voltaire, 1773). Esta aplicação do conceito não se limita apenas à mera constatação da fatualidade de eventos, mas sim à avaliação mais profunda de como os eventos são apresentados, interpretados e contextualizados na escrita histórica.

A verossimilhança é fundamental para a análise crítica das fontes históricas. Os historiadores devem considerar a autenticidade e a confiabilidade das fontes que utilizam, avaliando se elas parecem coerentes com o período e o contexto que descrevem (Pinsky, 2010). Uma fonte que apresenta informações altamente improváveis em relação ao contexto histórico em questão pode levantar dúvidas quanto à sua veracidade. Portanto, a verossimilhança desempenha um papel importante na triagem e seleção de fontes históricas.

Além disso, a aplicação da verossimilhança na escrita histórica envolve a habilidade do historiador em construir uma narrativa que seja plausível e coerente com as evidências disponíveis. Isso requer a consideração cuidadosa das lacunas e ambiguidades nas fontes e a tentativa de preencher essas lacunas de maneira verossímil, com base em conhecimentos contextualizados e na lógica histórica. A escrita histórica deve ser capaz de transmitir não apenas os fatos, mas também uma compreensão convincente do mundo histórico que está sendo estudado, desafiando os historiadores a reconhecerem a subjetividade inerente à escrita da história, White diz que:

O historiador realiza um ato essencialmente poético, em que prefigura o campo histórico e o constitui como um domínio no qual é possível aplicar as teorias específicas que irá utilizar para explicar “o que estava realmente acontecendo nele” [...] estabelecer os elementos inconfundivelmente poéticos presentes na historiografia e na filosofia da história em qualquer época que tenham sido postos em prática. Diz-se com frequência que a história é uma mescla de ciência e arte. Mas, conquanto recentes filósofos analíticos tenham conseguido aclarar até que ponto é possível considerar a história como uma modalidade de ciência, pouquíssima atenção tem sido dada a seus componentes artísticos. Através da exposição do solo linguístico em que se constituiu uma determinada ideia da história tento estabelecer a natureza inelutavelmente poética do trabalho histórico e especificar o elemento prefigurativo num relato histórico por meio do qual seus conceitos teóricos foram tacitamente sancionados. [...] O objetivo do historiador é explicar o passado através do “achado”, da “identificação” ou “descoberta” das “estórias” que jazem enterradas nas crônicas [...] a diferença entre “história” e “ficção” reside no fato de que o

historiador "acha" suas estórias, ao passo que o ficcionista "inventa" as suas. (White, 1995, p. 13;12).

As interpretações históricas podem variar, e a verossimilhança pode depender das perspectivas individuais dos historiadores e de como eles contextualizam e dão significado aos eventos do passado. Portanto, a aplicação da verossimilhança na historiografia exige uma conscientização crítica sobre as escolhas interpretativas feitas pelo historiador e a necessidade de justificá-las com base em evidências sólidas e coerentes (White, 1995).

A verossimilhança desempenha um papel crucial na análise crítica das fontes, na construção de narrativas históricas plausíveis e na conscientização da subjetividade na escrita da história. Ao aplicar esse conceito na historiografia, os historiadores buscam produzir interpretações sólidas e confiáveis do passado, que sejam convincentes e fundamentadas em evidências, contribuindo assim para o desenvolvimento contínuo do conhecimento histórico, Reis aponta que:

Instrumento para produzir verdades. Duvida-se do documento e do testemunho, mas para torná-los "confiáveis", isto é, expressões do real em si. Temem dar fé, evitam ser crédulos, para não recaírem no inverossímil. [...] O conhecimento histórico torna-se uma narrativa sedutora, imaginativa, envolvente. O historiador opera como um diretor de cinema: escolhe personagens, constrói situações, monta uma sucessão delas, corta, agrupa cenas, acelera a narrativa, demora-se em personagens [...] A verdade histórica torna-se uma "representação" [...] que um presente faz do passado, que atende mais aos interesses deste presente do que ao conhecimento daquele passado. (Reis, 2000, p. 331;345)

Nas performances culturais, se tem uma abordagem analítica que busca compreender como as representações e manifestações culturais se tornam plausíveis e críveis para o público. A verossimilhança, neste contexto, diz respeito à capacidade de uma performance cultural convencer os espectadores de que o que estão presenciando é coerente com a realidade representada ou a mensagem que se pretende transmitir (Aguilar, 2017).

Nas representações teatrais, cinematográficas ou literárias, a verossimilhança está relacionada à consistência da história contada. A narrativa deve seguir uma lógica interna e manter a coerência com o universo ficcional criado. O público deve ser capaz de

acreditar nas motivações e ações dos personagens, mesmo em contextos fictícios (Santiago, 1989). Em performances ao vivo ou filmadas, como peças teatrais, filmes ou shows musicais, a verossimilhança está ligada à habilidade dos artistas em transmitir emoções e experiências autênticas. A expressão artística deve parecer genuína, de modo que o público se identifique e se conecte emocionalmente com o que está sendo representado (Vale, 2023).

A verossimilhança também se estende à ambientação e à cenografia⁵³. Cenários e figurinos devem ser coerentes com a época, o local e o contexto da história. A criação de um ambiente visualmente convincente contribui para a imersão do público na narrativa. Em performances que refletem aspectos culturais específicos, como danças tradicionais, rituais religiosos ou representações históricas, a verossimilhança depende da fidelidade à cultura e ao contexto em questão. Os artistas devem demonstrar um entendimento preciso dos elementos culturais e históricos que estão representando (Howard, 2019).

A verossimilhança pode variar dependendo do estilo e do gênero da performance. Por exemplo, em performances de comédia, o público pode esperar uma quebra deliberada da verossimilhança em favor do humor. No entanto, dentro do contexto desse gênero, a coerência interna das piadas e situações cômicas ainda é importante.

Em performances culturais envolve a análise da capacidade de uma performance em convencer o público de sua autenticidade e coerência dentro do contexto cultural, estilístico e narrativo em que está inserida (Aguilar, 2017). Dessa forma, a aplicação do conceito de verossimilhança em estudos de seitas e cultos, oferece uma perspectiva analítica valiosa para compreender como Jim Jones conseguiu atrair seguidores e sustentar seu Templo, através dos mesmos mecanismos performativos. No entanto, essa análise deve ser realizada com sensibilidade e consideração das complexas dinâmicas psicológicas e sociais envolvidas nesses contextos.

3.2.1 CRIAÇÃO DE NARRATIVAS INTERNAS

⁵³ Pamela Howard é uma cenógrafa na área das artes cênicas, em seus trabalhos ela destaca a importância da "cenografia", uma disciplina dedicada à criação do espaço cênico em produções teatrais, cinematográficas e em outros contextos de performance. A cenografia engloba a concepção e a organização dos elementos visuais, como cenários, adereços, iluminação e figurinos, com o objetivo de criar o ambiente e a atmosfera desejados para uma apresentação.

Introduzimos no tópico anterior o conceito de verossimilhança e como ele pode ser abordado nas principais áreas deste trabalho, os estudos historiográficos para compreensão do episódio histórica Jim Jones e a performance que acontecia dentro do culto. Neste tópico adentraremos na verossimilhança aplicada para a manipulação em seitas, iniciaremos com a criação de narrativas internas dentro de seitas e cultos, que é um processo no qual os líderes desempenham um papel fundamental. Eles se dedicam a construir uma história coerente e atraente que ressoe com as necessidades emocionais e psicológicas dos seguidores, permitindo que a narrativa se torne verossímil e cativante, Santiago discute que:

O narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem. (Santiago; 1989, p. 40)

Os líderes de seitas e cultos muitas vezes começam por estabelecer uma mitologia de origem⁵⁴ que fornece uma explicação única e convincente para a existência do grupo. Essa mitologia frequentemente descreve o líder como um ser especial ou escolhido, e os seguidores como parte de uma elite espiritual. A mitologia de origem é projetada para alimentar a identidade coletiva do grupo, fazendo com que os seguidores se sintam especiais por pertencerem a ele (Campbell, 1949).

⁵⁴ Joseph Campbell, em seus estudos, destaca que a "mitologia de origem" engloba narrativas míticas que desempenham o papel crucial de explicar as origens e fundamentos de uma cultura, sociedade, religião ou fenômeno específico. Essas narrativas têm como objetivo questões fundamentais, como a criação do mundo, o surgimento da humanidade e a origem de tradições e rituais. Muitas vezes, essas histórias incluem elementos sobrenaturais ou divinos. A mitologia de origem é uma característica comum em diversas culturas ao redor do mundo, desempenhando um papel na preservação de crenças e valores culturais. Além disso, serve como uma importante ferramenta para transmitir conhecimento ancestral de geração em geração, permitindo que as sociedades compreendam suas próprias raízes e identidades.

A mitologia de origem frequentemente coloca o líder no centro da narrativa, retratando-o como alguém especial, divinamente escolhido, ou dotado de conhecimentos excepcionais. Isso serve para conferir autoridade e carisma ao líder, tornando-o a figura central de adoração e reverência. Muitas vezes, a mitologia descreve como o líder recebeu uma revelação única ou uma mensagem divina que o coloca em um patamar superior. Essa revelação é frequentemente apresentada como o cerne da verdade ou sabedoria espiritual que os seguidores devem seguir (Campbell, 2014). A mitologia de origem tende a retratar os seguidores como parte de uma elite espiritual, escolhida pelo líder ou pela divindade que ele representa. Isso cria um senso de exclusividade e superioridade entre os membros, fazendo com que se sintam especiais por pertencerem ao grupo, podemos analisar esse contexto de escolhido e exclusividade no livro bíblico de Marcos, que diz:

Jesus subiu a um monte e convocou os que ele quis, e eles se dirigiram a ele. Formou então um grupo de 12, a quem deu o nome de apóstolos, aqueles que o acompanhariam e que ele enviaria para pregar, com autoridade para expulsar demônios. E no grupo dos Doze que ele formou estavam Simão (a quem também deu o nome de Pedro), Tiago, filho de Zebedeu, João, irmão de Tiago (ele também deu a estes o nome de Boanerges, que significa “filhos do trovão”), André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Canaanita, e Judas Iscariotes, que mais tarde o traiu. (Marcos 3:13-19).

A mitologia serve como um elemento unificador que fortalece a identidade coletiva dos seguidores. Eles compartilham a crença na narrativa de origem e se veem como uma comunidade especial com um propósito comum. Também fornece um sistema de crenças e valores que dá significado e propósito à vida dos seguidores. Ela responde a perguntas profundas sobre o sentido da existência e o papel do grupo na realização desse propósito (Mcdowell, 1996).

Os líderes de seitas e cultos muitas vezes utilizam a mitologia de origem como uma ferramenta de manipulação psicológica. Ao convencer os seguidores de que eles são especiais e que apenas o grupo detém a verdade, os líderes podem exercer um controle sobre as mentes e a lealdade dos membros (Mcdowell, 1996). A crença na mitologia de origem pode levar os seguidores a se isolarem de amigos e familiares que não compartilham das mesmas crenças, reforçando ainda mais o controle do grupo sobre suas vidas (Montell, 2021). A mitologia de origem também é usada para desencorajar a crítica

externa e a dúvida, os seguidores são ensinados a desconsiderar informações contrárias à narrativa do grupo, criando uma bolha de pensamento onde apenas as visões do líder são aceitas.

Uma parte fundamental da narrativa interna é a promessa de salvação, iluminação ou transcendência espiritual. Os líderes oferecem aos seguidores a perspectiva de uma vida melhor, seja através da redenção espiritual⁵⁵, da evolução pessoal ou da obtenção de conhecimento esotérico (Mcdowell, 1996). Essas promessas de benefícios tangíveis ou espirituais servem como incentivos para que os seguidores se comprometam profundamente com a narrativa.

Os líderes de cultos frequentemente apresentam uma visão de mundo alternativa que contesta ou subverte as normas e valores da sociedade convencional. Isso pode envolver a criação de sistemas de crenças que desafiam a realidade objetiva⁵⁶, onde a narrativa do culto é apresentada como a única verdade. Os líderes exploram as necessidades de pertencimento, significado e propósito dos seguidores, promovendo uma sensação de comunidade e pertencimento a um grupo exclusivo que detém a verdade (Mcdowell, 1996).

Para tornar essa narrativa verossímil, os líderes muitas vezes utilizam técnicas persuasivas, como retórica carismática, controle da informação, coerção psicológica e isolamento social. Essas estratégias visam reforçar a adesão dos seguidores à narrativa interna do culto, tornando-a cada vez mais difícil de questionar ou contestar (Mcdowell, 1996). Consequentemente, a criação de narrativas internas é um aspecto crítico da dinâmica de seitas e cultos, pois molda as crenças e comportamentos dos seguidores, incentivando-os a aceitar e a se dedicar a um sistema de crenças que pode parecer

⁵⁵ A "redenção espiritual" é um conceito que se refere ao processo de purificação, renovação ou salvação da alma ou do espírito humano, frequentemente dentro de um contexto religioso ou espiritual. Esse processo envolve a busca pela libertação de faltas, pecados, erros passados ou estados de sofrimento espiritual, com o objetivo de alcançar um estado de graça, iluminação, paz interior ou reconciliação com forças divinas ou princípios espirituais. Dante Alighieri, na obra "A Divina Comédia," explora a jornada de redenção espiritual do protagonista, frequentemente através dos preceitos católicos.

⁵⁶ A "realidade objetiva" refere-se à existência de fatos, eventos e fenômenos que são independentes da percepção individual e que podem ser verificados empiricamente. Em contraste com a "realidade subjetiva", que é influenciada pelas experiências pessoais e percepções individuais, a realidade objetiva é considerada como uma verdade que existe fora das interpretações pessoais. Schopenhauer, aborda essa temática que engloba o campo das ciências humanas, podendo ser visto em sua obra "O Mundo Como Vontade e Representação".

altamente improvável, mas que dentro do grupo é percebido como profundamente verossímil e significativo.

3.2.2 IDENTIFICAÇÃO COM PERSONAGENS

Analisamos no tópico anterior a criação das narrativas internas, para a criação de uma verossimilhança estruturada dentro de cultos, neste tópico iremos analisar a identificação com personagens, sendo este o Jim Jones. Uma estratégia utilizada pelos líderes de seitas e cultos para estabelecer laços emocionais profundos entre os seguidores e o próprio líder ou figuras centrais da narrativa do culto. Isso cria um senso de pertencimento e compromisso que pode ser crucial para a coesão interna e a manutenção do controle sobre os seguidores (Mcdowell, 1996).

Os líderes de seitas e cultos frequentemente adotam uma posição central, apresentando-se como figuras carismáticas e visionárias. Eles se posicionam como modelos a serem seguidos, líderes espirituais ou mesmo como encarnações de divindades (Mcdowell, 1996). Essa centralidade os coloca no centro da narrativa do culto, tornando-os personagens-chave.

O carisma é uma qualidade pessoal que muitas vezes se traduz em uma “aura de magnetismo pessoal” e caráter cativante. Líderes de seitas e cultos carismáticos têm a capacidade de atrair seguidores com sua presença carismática, persuasão e habilidade de inspirar devoção⁵⁷. Os líderes carismáticos muitas vezes se apresentam como figuras centrais e cruciais para o grupo. Eles afirmam ter conhecimentos especiais, experiências espirituais únicas ou uma conexão divina que os coloca no centro das crenças e práticas do culto (Mcdowell, 1996).

Frequentemente projetam uma imagem de perfeição ou realização espiritual que os seguidores aspiram alcançar. Eles se apresentam como modelos a serem seguidos,

⁵⁷ O conceito de "inspirar devoção" é frequentemente utilizado para descrever a capacidade de certos textos ou obras de arte de evocar sentimentos profundos de devoção religiosa ou espiritual em seus leitores ou admiradores. A Bíblia é frequentemente citada como um exemplo notável desse fenômeno, dada sua influência histórica e cultural sobre várias tradições religiosas em todo o mundo. Suas narrativas desempenharam um papel significativo na formação de crenças e práticas religiosas ao longo da história, refletindo assim a sua capacidade de inspirar devoção entre os seus seguidores.

exemplificando o caminho a ser trilhado pelos membros para alcançar a iluminação ou a salvação. Alguns líderes de seitas e cultos vão além e se apresentam como líderes espirituais, muitas vezes se autodenominando profetas, messias ou como antes citado, encarnações de divindades. Eles afirmam ter uma conexão direta com o divino e detêm autoridade inquestionável sobre as questões espirituais do grupo, podemos compreender essa aspiração messiânica através dos livros bíblicos de Lucas e Mateus, que diz:

Ele (Jesus) lhes perguntou: “E vocês, quem dizem que eu sou? Simão Pedro respondeu: “O senhor é o Cristo, o Filho de Deus vivente.” Jesus lhe disse então: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas, porque isso não lhe foi revelado por homens, mas pelo meu Pai, que está nos céus. [...] Mais tarde, enquanto estava orando sozinho, os discípulos se aproximaram dele, e ele lhes perguntou: “Quem as multidões dizem que eu sou?” Em resposta, eles disseram: “João Batista; mas outros dizem que é Elias; e ainda outros dizem que um dos antigos profetas se levantou. Então ele lhes respondeu: “E vocês, quem dizem que eu sou?” Pedro respondeu: “O Cristo de Deus.” Depois, numa conversa séria com eles, lhe ordenou que não contassem isso a ninguém, mas disse: “O filho de Homem tem de sofrer muitas coisas e ser rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, e tem de ser morto e no terceiro dia ser levantado. (Mateus 16: 15-18; Lucas 9: 18-22

A centralidade do líder é frequentemente usada para moldar a identidade dos seguidores. Os membros são incentivados a se identificar com o líder e a basear sua própria identidade e autoestima na proximidade com ele, criando uma dependência emocional. A centralidade do líder também é uma ferramenta eficaz para manter o controle sobre o grupo (Mcdowell, 1996). O líder pode tomar decisões unilaterais, ditando as regras, crenças e práticas, e os seguidores tendem a acatar essas diretrizes devido à devoção ao líder.

Os líderes carismáticos, como Jim Jones, muitas vezes são objeto de adoração e reverência por parte dos seguidores. Isso cria uma dinâmica de poder desequilibrada, na qual os membros estão dispostos a fazer sacrifícios pessoais em nome do líder e a seguir suas instruções cegamente. Devido à devoção e ao carisma do líder, os seguidores muitas vezes enfrentam dificuldades em questionar suas ações ou decisões. Qualquer crítica ao líder é frequentemente vista como uma traição ao grupo (Guinn, 2018).

Os líderes trabalham para construir a identidade do seguidor em torno da figura central. Eles fazem com que os seguidores se vejam como parte de um grupo especial e

escolhido, que compartilha uma conexão única com o líder. Isso muitas vezes é reforçado por meio de rituais de iniciação⁵⁸, símbolos exclusivos e terminologia especial, todos projetados para solidificar a identificação emocional (Campbell, 2014). Muitos cultos e seitas empregam rituais de iniciação que marcam a entrada de novos membros no grupo. Esses rituais podem variar em intensidade e significado, mas geralmente têm o propósito de criar uma sensação de pertencimento exclusivo. Os participantes são levados a acreditar que fazem parte de um grupo especial com um propósito superior (Montell, 2021).

Líderes frequentemente introduzem uma terminologia exclusiva dentro do grupo, com palavras, frases ou jargões que só são compreendidos pelos membros, como a *White Night* do Templo do Povo. Isso cria uma barreira entre os membros e o mundo exterior, reforçando a identidade do grupo e a sensação de pertencimento. Além disso, o uso dessa linguagem especial pode dificultar a comunicação dos membros com pessoas fora do grupo (Mcdowell, 1996). Símbolos, emblemas ou ícones exclusivos são frequentemente usados para representar o grupo e sua conexão com o líder. Esses símbolos podem ser usados em roupas, joias, adesivos ou mesmo tatuagens (Campbell, 2014). Eles atuam como uma forma visual de identificação e reforçam a unidade do grupo.

Os líderes frequentemente promovem uma narrativa de eleição, na qual os seguidores são levados a acreditar que foram escolhidos de forma especial para fazer parte do grupo. Isso reforça a ideia de que eles são parte de uma elite espiritual e que pertencer ao grupo é um privilégio raro. Também trabalham para reforçar a identidade positiva dos seguidores dentro do grupo. Eles elogiam e recompensam os membros que demonstram devoção e conformidade com as crenças e práticas do grupo. Isso cria um ciclo de reforço positivo no qual os membros se sentem valorizados e especiais quando se conformam às

⁵⁸ Joseph Campbell, trabalha em sua obra sobre o "monomito" e como os rituais de iniciação são uma parte fundamental das narrativas mitológicas em várias culturas. Os "rituais de iniciação" são cerimônias ou práticas que marcam a transição de um indivíduo de um estado para outro, muitas vezes simbolizando a passagem da juventude para a idade adulta ou a entrada em um novo status social, religioso ou cultural. Esses rituais têm sido observados em diversas culturas ao redor do mundo e desempenham um papel na formação da identidade e na coesão social. Frequentemente envolvem símbolos, testes, ensinamentos e experiências que servem para preparar e transformar os iniciados em membros plenos de uma comunidade ou grupo. Um exemplo notável desses rituais no judaísmo é o "bat mitzvá", que marca a transição do jovem judeu para a idade adulta religiosa e comunitária, simbolizando seus compromissos com a fé judaica e suas aceitações de responsabilidades religiosas.

expectativas do líder, esse senso de acolhimento e eleito, podem ser vistos no livro bíblico de Deuteronomio, que diz:

“Em vez disso, vocês devem lhes fazer o seguinte: destruam seus altares, destroem suas colunas sagradas, derrubem seus postes sagrados e queimem suas imagens esculpidas. Pois você é um povo santo para Deus, seu Deus; seu senhor Deus, o escolheu para se tornar seu povo, sua propriedade especial dentre todos os povos que há na face da terra. Não foi por serem o mais numerosos de todos os povos que Deus mostrou afeição por vocês e os escolheu, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque Deus os amou e porque cumpriu o juramento que havia feito aos seus antepassados. Por isso, Deus os tirou de lá com a mão poderosa, para os resgatar da terra da escravidão, do poder de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronomio 7: 5-8).

Em alguns casos, líderes podem usar táticas de medo e coerção para manter os membros alinhados com a identidade do grupo. Isso pode incluir ameaças de exclusão, punições físicas ou psicológicas, ou a divulgação de informações prejudiciais sobre os membros que consideram deixar o grupo, essa punição feita pelo líder também pode ser vista na Bíblia no livro de Hebreus, pois aqueles que não seguem as vontades de Deus passam por punições como forma de ensinamentos, a passagem diz:

Pois Deus disciplina aqueles a quem ama; de fato, açoita a cada um a quem recebe como filho. Como parte da sua disciplina, vocês precisam perseverar. Deus os trata como a filhos. Pois qual é o filho que não é disciplinado pelo pai? Mas, se todos vocês não receberam essa disciplina, são realmente filhos ilegítimos, e não filhos verdadeiros. Além disso, nossos pais humanos nos disciplinavam, e nós os respeitávamos. Não deveríamos nos sujeitar com mais prontidão ao Pai da nossa vida espiritual para vivermos? Pois eles nos disciplinaram por pouco tempo, segundo o que lhes parecia bom, mas ele o faz para o nosso benefício, para participarmos de sua santidade. É verdade que nenhuma disciplina parece no momento ser motivo de alegria, mas causa dor; depois, porém, aos que têm sido treinados por ela, a disciplina dá o fruto pacífico da justiça. Portanto, fortaleçam as mãos caídas e os joelhos enfraquecidos, e continuem a endireitar os caminhos para os seus pés, para que o aleijado não fique pior, mas, em vez disso, para que sare. Empenhem-se pela paz com todos e pela santificação, sem a qual nenhum homem verá o Senhor. (Hebreus 12: 6-14).

Os líderes frequentemente apresentam desafios e objetivos que os seguidores devem superar juntos. Esses desafios podem variar desde a promoção de uma causa espiritual até a conquista de metas terrenas, como alcançar a riqueza ou a iluminação. A ideia é que, ao superar esses desafios junto com o líder, os seguidores se sintam emocionalmente investidos na narrativa e na jornada compartilhada.

Encorajam a empatia e a preocupação mútua entre os seguidores, destacando os desafios pessoais e os obstáculos enfrentados pelo líder. Isso cria uma dinâmica na qual os seguidores se sentem compelidos a se dedicar ao líder e ao grupo, muitas vezes à custa de seus próprios interesses e bem-estar, no caso do Templo do Povo podemos destacar o acolhimento de grupos marginalizados por uma figura de “respeito espiritual”. Os líderes também reforçam a narrativa com recompensas emocionais, como amor, aceitação, segurança e significado (Montell, 2021). Os seguidores que se identificam profundamente com o líder e suas metas frequentemente recebem gratificação emocional por meio dessa identificação, o que reforça ainda mais seu compromisso.

Essa identificação com personagens é um componente da dinâmica da verossimilhança de seitas e cultos, pois cria um vínculo emocional entre os seguidores e as figuras centrais da narrativa, a verdade se torna mais plausível quando nos enxergamos no personagem do discurso, nos apegamos a um personagem literário por achar ele cativante, suas ações serão vistas de maneira positivas, no caso de Jim Jones, o que era dito por ele, era tomado como uma verdade absoluta. Os seguidores se preocupam com os desafios e objetivos dessas figuras, mesmo que sejam altamente improváveis ou irracionais, devido ao forte investimento emocional e ao senso de pertencimento que essa identificação gera.

3.2.3 CONSTRUÇÃO DE UMA REALIDADE PARALELA

A identificação com personagem é um dos fatores que podem intensificar no discurso de verossimilhança dentro dos cultos, neste tópico abordaremos a construção de uma realidade paralela empregada por seitas e cultos para manter a adesão dos seguidores e consolidar a verossimilhança das premissas e crenças do grupo. Essa prática envolve a criação de um ambiente fechado e altamente controlado, onde as normas, valores e narrativas do culto são reforçados continuamente, tornando-as convincentes e

inquestionáveis dentro do grupo, a verdade é constantemente reforçada, mesmo que seja mentira, até que se torne verdade.

Cultos frequentemente incentivam o isolamento social e físico dos seguidores, afastando-os de familiares, amigos e contatos externos. Isso serve para criar um ambiente onde as únicas interações significativas ocorrem dentro do culto, podemos destacar as contantes mudanças de Jim Jones, até se estabelecer na Guiana, criando sua própria comunidade, se isolando até mesmo do seu país natal (Guinn, 2018). O isolamento social impede que os seguidores tenham acesso a perspectivas alternativas e críticas que possam desafiar as crenças do culto (Mcdowell, 1996).

Os líderes exercem um controle estrito sobre a informação que os seguidores recebem. Isso pode incluir a censura de mídia externa, a proibição de pesquisas na internet e a criação de canais de comunicação internos controlados pelo culto (Guinn, 2018). Ao limitar o acesso à informação externa, os líderes garantem que apenas a visão de mundo do culto seja promovida.

Dentro do ambiente do culto, as crenças e premissas são reforçadas incessantemente. Isso ocorre por meio de cerimônias, rituais, reuniões regulares e discursos, nos quais os seguidores são expostos repetidamente às mensagens e narrativas do culto. Esse reforço constante cria uma sensação de normalidade em relação às crenças do culto (Mcdowell, 1996).

Os cultos frequentemente realizam cerimônias e rituais que reforçam as crenças centrais do grupo. Essas práticas podem incluir adorações, orações, cantos, danças e outros rituais que evocam sentimentos de espiritualidade e unidade entre os membros. Os seguidores geralmente são incentivados a participar de reuniões regulares do culto, como cultos semanais ou eventos especiais. Nessas ocasiões, as crenças são reafirmadas repetidamente por meio de discursos, palestras e ensinamentos do líder. O ambiente do culto muitas vezes incentiva o isolamento dos membros em relação ao mundo exterior. Isso limita a exposição dos seguidores a perspectivas e informações que contradizem as crenças do culto, tornando mais difícil questionar essas crenças, Dubois, que fala sobre passar uma verdade através da fotografia diz que:

[...]A primeira dessas posições vê na foto uma reprodução mimética do real. Verossimilhança: as noções de similaridade e de realidade, de verdade e de autenticidade recobrem-se e sobrepõem-se bem exatamente segundo essa

perspectiva: a foto é concebida como espelho do mundo, é um ícone no sentido [...] (DUBOIS, 2006; p.53)

Dubois (2006) apresenta como a verossimilhança pode ser aplicada através da imagem, podemos analisar que muitas vezes os líderes utilizam desse mesmo sistemas através do discurso, pois são hábeis oradores que apresentam uma narrativa persuasiva e inspiradora, para reforçar as crenças do culto. Eles podem usar técnicas retóricas para convencer os seguidores da veracidade de suas crenças e do propósito do grupo.

O reforço constante das crenças muitas vezes está ligado à manipulação das emoções dos seguidores. Os discursos e cerimônias são projetados para evocar sentimentos de pertencimento, amor, medo ou esperança, criando uma ligação emocional mais profunda com as crenças do culto (Lewis, 2021). A pressão de grupo desempenha um papel importante na conformidade contínua dos membros. Os seguidores podem sentir que precisam aderir às crenças do grupo para manter relacionamentos e aceitação dentro do culto, o que reforça ainda mais essas crenças (Guinn, 2018)

Os cultos frequentemente desencorajam a dúvida e a questionamento das crenças estabelecidas. Os seguidores são ensinados a acreditar que qualquer dúvida é fruto de fraqueza espiritual ou influência negativa externa. Os líderes frequentemente reinterpretam eventos e circunstâncias externas para que se encaixem na narrativa do culto (Mcdowell, 1996). Mesmo eventos que parecem contradizer as crenças do culto são explicados como testes de fé, conspirações externas ou partes de um plano divino mais amplo (Guinn, 2018). Essa reinterpretação distorce a percepção dos seguidores da realidade e reforça a visão de mundo do culto.

A construção de uma realidade paralela é uma tática eficaz para consolidar a verossimilhança das crenças do culto e manter o controle sobre os seguidores. Dentro desse ambiente altamente controlado, as premissas e crenças do culto são apresentadas como verdade absoluta, tornando-as convincentes e aceitáveis para os seguidores, mesmo que possam parecer altamente improváveis ou irracionais (Mcdowell, 1996). Essa dinâmica é fundamental para entender como os líderes conseguem exercer influência sobre os seguidores e como os mantêm envolvidos em uma realidade paralela construída pelo culto, como observamos no capítulo dois, as ações impostas não eram vistas como extremas, pois já eram vistas como verdade (Guinn, 2018).

A verossimilhança das premissas do culto exerce uma influência significativa sobre as decisões e comportamentos dos seguidores, muitas vezes levando-os a tomar

ações extremas e comprometedoras. Essa dinâmica é resultado da profunda identificação dos seguidores com as crenças do culto, da coerção psicológica e da manipulação que os induz a aceitar essas crenças como verdades inquestionáveis.

Devido à identificação emocional com o líder e as crenças do culto, os seguidores se tornam altamente comprometidos com a causa e os objetivos do grupo. Isso os leva a ver suas ações como uma extensão direta de suas crenças e como um meio de alcançar a redenção espiritual, iluminação ou outros benefícios prometidos (Mcdowell, 1996).

Os seguidores muitas vezes enfrentam pressões internas e externas para demonstrar seu comprometimento com as crenças do culto. Isso pode incluir expectativas do líder e dos pares dentro do culto, que recompensam a conformidade e punem qualquer desvio, bem como a ameaça de ostracismo ou condenação espiritual para aqueles que questionam ou se afastam das crenças (Montell, 2021).

A verossimilhança das promessas do culto pode levar os seguidores a fazerem doações financeiras substanciais, muitas vezes esgotando seus recursos pessoais em nome da causa. Isso ocorre porque eles acreditam que essas doações são investimentos no cumprimento das promessas da seita, como prosperidade financeira ou salvação espiritual, Guinn destaca que:

The Temple turned its burgeoning mailing list into a constant sales tool. Its letters began offering additional personal protections. Membership in the “Apostolic Blessing Plan” required whatever donation an individual could afford. In return, donors received a certificate stating they were now included in the daily meditations of Pastor Jones: “Expect the promise of God to be fulfilled and the blessings to begin to flow.” Because Pastor Jones loved all true believers equally, even if they couldn’t afford to send just a few dollars to support the Temple, there was still the “Blessed Penny.” Upon request, Pastor Jones would hold a penny in his left hand, bless it, and then send it to the person who’d requested one. Though any possible donation was always appreciated, recipients were assured, “There is no charge for Pastor Jones’s meditations. He will meditate on your needs whether you are able to send an offering or not.” Business was brisk. The Temple had to open a special letters office to handle the flood of mail⁵⁹. (Guinn, 2018, p. 184).

⁵⁹ Tradução nossa: “O Templo transformou sua crescente lista de endereços em uma ferramenta de vendas constante. Suas cartas começaram a oferecer proteções pessoais adicionais. A adesão ao “Plano de Bênção Apostólica” exigia a doação que cada indivíduo pudesse pagar. Em troca, os doadores recebiam um certificado afirmando que agora estavam incluídos nas meditações diárias do Pastor Jones: “Espere que a

Em casos mais extremos, a verossimilhança das crenças do culto pode levar os seguidores a cometer atos de violência em nome da causa. Isso ocorre porque eles acreditam que essas ações são justificadas e necessárias para cumprir a missão da seita, como a defesa de uma visão de mundo alternativa ou a eliminação de ameaças percebidas (Mcdowell, 1996).

A verossimilhança das premissas do culto cria um ambiente no qual os seguidores se sentem compelidos a agir de acordo com as crenças do grupo, muitas vezes em detrimento de seus próprios interesses, relacionamentos e até mesmo da ética comum⁶⁰. Essa influência profunda é uma característica distintiva de seitas e cultos e pode ter consequências significativas tanto para os indivíduos quanto para a sociedade, no caso do Templo do Povo, causando 900 mortes.

promessa de Deus seja cumprida e as bênçãos comecem a fluir." Como o Pastor Jones amava igualmente todos os verdadeiros crentes, mesmo que não pudessem enviar alguns dólares para apoiar o Templo, havia ainda o "Penny Abençoado". Mediante solicitação, o Pastor Jones seguraria um centavo em sua mão esquerda, abençoaria e então o enviaria para a pessoa que o solicitou. Embora qualquer doação possível fosse sempre apreciada, os destinatários foram assegurados de que "não há custo pelas meditações do Pastor Jones. Ele meditará em suas necessidades, quer você possa enviar uma oferta ou não." Os negócios estavam em alta. O Templo teve que abrir um escritório especial de correspondência para lidar com o grande volume de correspondências.

⁶⁰ A 'ética comum', definida como um conjunto de princípios éticos ou valores morais compartilhados por uma comunidade, sociedade ou grupo de pessoas, desempenha um papel fundamental na obra 'Ética a Nicômaco' por Aristóteles. Nesta obra, Aristóteles explora os conceitos de ética virtuosa e busca pela felicidade, que são fundamentados em princípios éticos que muitas vezes são considerados socialmente aceitáveis e moralmente justos dentro de contextos específicos. Esses princípios éticos podem variar de uma cultura para outra e são influenciados por tradições, crenças religiosas, normas culturais e valores compartilhados, refletindo assim a ideia de uma ética comum dentro de uma determinada comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Templo do Povo sob a liderança de Jim Jones, nos apresenta uma fonte de análise da suspensão voluntária da descrença e verossimilhança, aplicada a cultos extremistas, suas vertentes religiosas e políticas. Ao longo deste trabalho, exploramos as emaranhadas relações entre crença, descrença, manipulação e extremismo, considerando a capacidade humana de adotar visões de mundo extremas, mesmo diante de evidências contrárias.

Constatamos que a suspensão da descrença desempenhou um papel crucial na adesão dos seguidores ao culto de Jim Jones, permitindo que aceitassem narrativas e dogmas aparentemente inverossímeis. A análise desse caso nos proporcionou um questionamento crítico dos fatores sociais que levaram muitos seguidores a aderirem a essas narrativas sem questioná-las, uma vez que pertenciam a um grupo em que qualquer inclusão social era valorizada.

A suspensão da descrença, embora seja um conceito literário, pode ser aplicada em diversas áreas de estudo, como demonstrado neste trabalho. Ao analisar como Jim Jones utilizou o seu discurso para criar uma realidade completamente alternativa, observamos que seus seguidores e até mesmo familiares aceitaram essa nova realidade proposta. Involuntariamente, eles deixaram de lado o mundo em que viviam, suspendendo suas crenças e descrenças para abraçar as narrativas de Jones como realidades. Vários fatores, incluindo aspectos religiosos, políticos e sociais, contribuíram para a criação desse mundo distópico.

É importante lembrar que, desde o seu nascimento, Jones foi considerado uma criança "profética", conforme afirmado por sua mãe, destinado a realizar grandes feitos. Ao analisar a profecia de Lynetta, percebemos que Jim Jones buscou alcançar essas grandiosas realizações, mesmo que tenham sido de natureza negativa. Os fatores políticos também desempenharam um papel crucial na criação dessa distopia religiosa. Jones atraiu uma minoria marginalizada e vulnerável, a comunidade negra, que se sentiu representada por suas pregações.

Vale ressaltar que outros fatores sociais desempenharam um papel significativo na construção dessa narrativa messiânica. Jim Jones nasceu em um país com raízes

protestantes e puritanas, e ao longo da história dos Estados Unidos, o puritanismo e o conservadorismo religioso sempre tiveram presença marcante.

A suspensão voluntária da descrença não se limitou apenas aos seguidores; podemos enfatizar que, no final, Jim Jones realmente acreditava que enfrentava uma grande ameaça por parte do governo americano. Ele buscou refúgio junto aos soviéticos, embora esse refúgio nunca tenha se concretizado. Jim acreditou em sua própria realidade, suspendendo sua descrença em crenças que para ele eram reais e plausíveis. Podemos entender que ele sempre acreditou que poderia realizar feitos incríveis, até o fim de sua vida. Jim acreditou na sua própria realidade, ele suspendeu sua descrença, em crenças reais e plausíveis, podemos entender que ele sempre acreditou que poderia voar, até o final de sua vida.

A verossimilhança na análise do Templo do Povo está relacionada às narrativas do discurso. As pessoas acreditavam na suspensão da descrença porque as narrativas eram construídas de forma verossímil. Esse conceito, comumente encontrado em meios literários, pode ser aplicado em diversas áreas, não se limitando apenas às ciências humanas, mas abrangendo também as áreas biológicas e exatas.

A verossimilhança está diretamente ligada à análise do discurso e à criação de narrativas que sejam percebidas como verdadeiras ou que se assemelhem à verdade. No caso de Jim Jones, suas narrativas sempre se baseavam na religião, onde ele se autointitulava um profeta e realizava curas e milagres em nome de Deus e, posteriormente, em seu próprio nome. Ele não fugia dessas vertentes religiosas, pois isso poderia afastar potenciais seguidores. Ao praticar rituais semelhantes aos de outros cultos e igrejas, como o Pai Divino, ele mostrava interesse em aprimorar seu discurso.

Jim não associava seus dons ou ideias a uma “verdade inexistente”, apenas baseava o seu discurso em narrativas preexistentes. Em questões políticas, seu envolvimento com o comunismo e o socialismo reforçava seu discurso de constante ameaça, seja dos soviéticos que poderiam atacar os Estados Unidos ou dos americanos que poderiam atacá-lo devido à associação de seu discurso com o comunismo. Para Jim, correlacionar o discurso político e religioso era essencial. Para ganhar mais controle sobre seus seguidores, ele distorceu os ideais comunistas, criando uma sociedade reclusa. Os seguidores aceitaram esse sistema porque não se sentiam incluídos na sociedade capitalista.

A verossimilhança desempenhou um papel essencial na construção da suspensão da descrença. No final do Templo do Povo, os seguidores acreditavam verdadeiramente

que poderiam sofrer ataques, pois o discurso de Jim era convincente e coerente com a nova realidade que ele havia criado.

A suspensão voluntária da descrença e a verossimilhança são conceitos que abrangem diversas esferas de estudo. Conforme mencionado ao longo deste trabalho, esses conceitos são fundamentais na historiografia, fornecendo ferramentas essenciais para análises históricas. Historiadores utilizam essas ferramentas para examinar suas fontes e critérios de estudo, mas também podem empregá-las como instrumentos para moldar a forma como a história é construída.

Um historiador que tem conhecimento de seu campo de estudo e domínio da área pode criar narrativas verossímeis que condizem com a realidade proposta. Por exemplo, um historiador que se dedica ao estudo da antiguidade não pode afirmar em seus estudos que soldados romanos utilizavam tanques de guerra, mas pode afirmar que os soldados romanos eram punidos por não cumprirem determinadas tarefas. As pessoas confiam nas informações que lhes são apresentadas, uma vez que o historiador possui domínio sobre o conteúdo e pode moldar a verdade histórica de acordo com sua interpretação, o que, por vezes, se assemelha à ideia de "a história é escrita pelos vencedores."

Esse domínio do discurso verossímil pode criar uma suspensão da descrença, na qual muitos acreditam na verdade histórica que lhes é apresentada. Assim como em um livro literário, um livro de História requer que o leitor suspenda suas crenças para acreditar com absoluta certeza de que o que está sendo lido é verdade, pois a História é uma disciplina acadêmica em que as informações que constam em um livro devem ser verdadeiras ou baseadas em suposições de uma suposta verdade.

Esse campo de estudo pode ser desenvolvido, desde que aqueles que o estudam se proponham a suspender suas descrenças em relação às fontes originais e se esforcem para ser verossímeis em suas pesquisas. O historiador desempenha um papel de liderança carismática em seu próprio discurso, com a responsabilidade de convencer os outros da verdade histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, G.; CÁMARA, M.; ANDRADE, G. **A máquina performática**: A literatura no campo experimental. 1 ed. São Paulo: Rocco, 2017.

ALEXANDER, Michelle. **The New Jim Crow**: Mass Incarceration in the Age of Colorblindness. 10. ed. Nova York: The New Press, 2000.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

ARISTOTLE. **Aristotle**: The Art of Rhetoric. Tradução: John Henry Freese. 1 ed. Harvard: Harvard University Press/Loeb Classical Library, 1967.

BARROS, José D.'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. *Diálogos*, v. 17, n. 3, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien; Bruno Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BENTIVOGLIO, Julio. História e narrativa na historiografia alemã do século XIX. *Anos 90, Porto Alegre*, v. 17, n. 32, p. 185-218, 2010.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality**: A Treatise in the Sociology of Knowledge. 1. ed. Nova York, Estados Unidos: Open Road Media, 1966.

BORGES, Ângela Cristina; SENRA, Flávio. Epistemologias marginais: Ciências da Religião em perspectiva descolonizadora e intercultural. **Revista Reflexão**, Minas Gerais, ed. 45, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5765/576563439011/html/>. Acesso em: 22 set. 2023.

BRANCH, Taylor. **Parting the Waters**: America in the King Years 1954-63. 2. ed. Nova York: Simon & Schuster, 1989.

BURWICK, Frederick (Ed.). **The Oxford handbook of Samuel Taylor Coleridge**. New York: Oxford University Press, 2012.

BURWICK, Frederick. **Illusion and the drama: critical theory of the enlightenment and romantic era**. University Park: The Pennsylvania State University, 1991.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1949.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 29. ed. São Paulo: Palas Athena, 2014.

CARNEGIE, Dale. **Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas**. 58. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. 3. ed. Berlim, Alemanha: WMF Martins Fontes, 1832.

COLERIDGE, Samuel Taylor. **Poemas e excertos da "biografia literária"**. Coautoria de Paulo Vizioli. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 1995.

COLERIDGE, Samuel Taylor. **Samuel Taylor Coleridge**. Edição de H. J Jackson. Oxford: Oxford University Press, 1985.

COLLI, K. J. **Teologia De John Wesley**: 1. Bangu, Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

COLMAN, A. M. **A Dictionary of Psychology**. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.

CROWLEY, Aleister. **O Livro da Lei: Liber Al Vel Legis**. 1. ed. Londres, reino Unido: Chave, 1904.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto (vol. 1)**. São Paulo: Ática, 1995.

DESCARTES, René. **Meditações Sobre Filosofia Primeira**. Tradução: Fausto Castilho. 1 ed. Amsterdã: Editora da Unicamp, 1641.

DUBOIS, Phillippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

ELLWOOD, Robert. The Several Meanings of Cult. **Thought: Fordham University Quarterly**, New York, ed. 61, ano 1986.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

GIUMBELLI, Emerson. A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre, 1 set. 2011.

GUINN, Jeff. **The Road to Jonestown**: in Jones and Peoples Temple. 1. ed. Nova York, Estados Unidos: Simon & Schuster, 2018.

HANEGRAAFF, Wouter J. **New Age Religion and Western Culture**: Esotericism in the Mirror of Secular Thought. 1. ed. Nova York, Estados Unidos: Brill, 2001.

HOLANDA, A. B. D. **Novo Dicionário Aurélio Da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Positivo, 1975.

HOLLAND, N. N. **Literature and the Brain**. The PsyArt Foundation, 2009.

HOWARD, Pamela. **What Is Scenography?** 3. ed. Inglaterra: Routledge, 2019.

III, Fielding M. McGehee. Transcript. *In*: Rebecca Moore. **Alternative Considerations of Jonestown & Peoples Temple**. [S.l.]. 5 jan. 2013. Disponível em: <https://jonestown.sdsu.edu/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

JAMES, King. **Bíblia King James**. 1 ed. São Paulo: Arte Gospel, 2020.

KNEALE, Matthew. **Crença**: Nossa invenção mais extraordinária. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

LAMONT, Peter. **Crenças extraordinárias**: Uma abordagem histórica de um problema psicológico. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LEWIS, C.S. **Milagres**. Tradução: Francisco Nunes. 1 ed. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LOPES, Luís Carlos. “Verossimilhança e poder”. La Insignia. Brasil, junho de 2005. (http://www.lainsignia.org/2005/junio/soc_020.htm) Consultado em 23 de setembro de 2023

MAIA, H. **Neurociências e Desenvolvimento Cognitivo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Wak, v. 2, 2011

MARCUSE, Herbert. **Eros and Civilization**: A Philosophical Inquiry into Freud. 1. ed. Boston, Estados Unidos: Routledge, 1955.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 129. ed. Bogotá, Colômbia: Record, 1967.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**: Com todos os prefácios de Marx e Engels e os Estatutos da Liga dos Comunistas. Tradução: Edmilson Costa. 3. ed. Cambuci: Edipro, 2015.

MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. **Entendendo as Seitas**. 1 ed. São Paulo: Candeia, 1996.

MONTELL, Amanda. **Cultish**: The Language of Fanaticism. 1 ed. Nova York: Harper Wave, 2021.

PEREIRA, J. B. B.; QUEIROZ, R. D. S. **Messianismo e Milenarismo no Brasil**. 1 ed. São Paulo: edusp, 2015.

PINSCKY, C.B. *Fontes Históricas*, 3ª ed. São Paulo (SP): Contexto; 2010.

REIS, José Carlos. História e verdade. Síntese: Revista de Filosofia, v. 27, n. 89, p. 321-348, 2000.

REITERMAN, Tim; JACOBS, John. **Raven: The Untold Story of the Rev. Jim Jones and His People**. 1 ed. Salt Lake City: Tarcher, 2008.

RODRIGUES, D. S. O dilema contemporâneo do fundamentalismo: do extremismo à intolerância. **Revista Espaço Acadêmico**, Rio de Janeiro, ed. 206, ano XVIII, p. 2-16, 26 ago. 2018. Mensal.4

ROSZAK, Theodore. **The Making of a Counter Culture**. 1. ed. Berkeley, Estados Unidos: University of California Press, 1969.

ROTHBARD, M. N. **A grande depressão americana**. 1 ed. São Paulo: LVM Editora, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARKIS, S. M. **O Fenômeno Gaslighting: Saiba como funciona a estratégia de pessoas manipuladoras para distorcer a verdade e manter você sob controle**. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo Como Vontade e Representação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

SIDMAN, M. Coerção e suas implicações. (M.A. Andery, T.M. Sério, Trad.). Campinas (SP): Editora Livro Pleno, 2001. 301 p.

TOLKIEN, J. R. R. *Sobre História de Fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Aneis**. Tradução: Ronald Kyrmse . 1 ed. São Paulo: HarperCollins, 2021.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. 8. ed. Porto Alegre, Brasil: PORTO EDITORA, 1998.

VALE, Jonatan. **Música Com O Expressão Artística**. 1 ed. São Paulo: Clube de Autores, 2023.

WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea. Nova história em perspectiva. São Paulo: Cosac Naify, v. 1, p. 438-483, 2011.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio Sobre a Crítica da Cultura**. 2. ed. Edusp, 2014.

WHITE, Heyden. Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 1995.

WILSON, Bryan R. **Religious sects: A sociological study**. 1. ed. Londres, Reino Unido: Weidenfeld & Nicolson, 1961.

WOOD, James. **Como Funciona a Ficção**. 1. ed. São Paulo, Brasil: SESI-SP, 2017.